



Posicionamento de Gestores

Maio de 2026

Sumário

ABSOLUTE	4
ALASKA	6
APEX	7
ARMOR	8
ARX	9
BAHIA	11
CONSTELLATION	12
DAHLIA	13
DRÝS	15
ENCORE	17
EXPLORITAS	18
GÁVEA	19
GENOA	20
GIANT STEPS	21
GUEPARDO	22
HIX	23
IBIUNA	26
IRIDIUM	31
JP MORGAN	34
KADIMA	36
KAPITALO	38
KINEA	41
LEGACY	43
NOVUS	44
OCCAM	46

PLURAL	49
QUANTITAS	54
REAL INVESTOR	56
SPX	58
STK	60
STUDIO	61
TRUXT	62
VALORA	63
VINCI	64

ABSOLUTE

Absolute Alpha Global

O fundo apropriou ganhos no livro de eventos corporativos locais, através de duas operações - sendo uma de fechamento de capital. Na parte offshore, houve leve contribuição negativa, com destaque para a operação de Allied Gold/Zijin Gold. A alocação em termo, no livro de arbitragem linear, também contribuiu positivamente.

Em termos de posição, o fundo segue com exposição marginalmente reduzida no livro de eventos corporativos offshore, aguardando melhor ponto de entrada em determinadas operações, balanceando nível de prêmio e prazo. O mercado segue apresentando elevada quantidade de eventos em aberto. No livro de eventos corporativos local, a alocação segue em nível elevado, dada a alta atividade de operações. Atualmente o fundo detém 110% comprado em 15 operações - sendo 15% em 10 operações no mercado offshore e 95% em 5 operações no local. No livro de arbitragem linear, detém 8% em termo.

Absolute Hedge e Absolute Vertex

O fundo apropriou ganhos na posição comprada no real, contra o dólar e contra o euro. Ainda no livro de moedas, houve ganhos através de posições vendidas em dólar – especialmente contra o dólar australiano, o iene e a coroa norueguesa. No livro de bolsas, posições compradas em uma cesta de economias emergentes performaram, bem como em desenvolvidas, com destaque para os EUA. Nesse mercado, a posição de valor relativo entre bolsas globais e a americana detraiu resultado. O livro de juros, por sua vez, um risco menor ao longo do mês, contribuiu negativamente, com perdas nas posições aplicadas em juros nominais americanos.

Após uma redução expressiva de risco em março, o fundo aumentou posições em opções vendidas em dólar – tendo na composição, principalmente posição comprada em real, no dólar australiano, no iene e no euro. Em renda variável, mantém posições menores compradas em bolsas de emergentes, EUA, Europa e Japão. No livro de juros, não há risco relevante.

Absolute Pace

No mês de abril o fundo Absolute Pace Long Biased apurou resultado de 1,50%. Destacaram-se positivamente posições no setor de saneamento e bancos. Já os destaques negativos foram posições no setor de construção e varejo discricionário.

O fundo está com posição líquida comprada de 56% e posição bruta de 160%, com elevada diversificação entre empresas e setores. Adicionalmente, há exposição de 0,8 PL comprado em NTN-B e 2,5% comprado em crédito privado. No livro Long, destacam-se posições nos setores de utilidades públicas, varejo discricionário e em óleo&gás. No livro Short, destacam-se posições que protegem de um cenário desafiador para o preço do petróleo. No livro Long&Short, destaques para a estratégia de arbitragem entre classes.

ALASKA

Alaska Institucional Long Only

O fundo Alaska Institucional Long Only FIA obteve um retorno de -3,99%, inferior aos -0,08% do Ibovespa no mesmo período. A contribuição mais significativa veio do setor de transportes, enquanto do lado negativo o destaque veio do setor educacional.

O fundo segue com alocação máxima em ações de empresas brasileiras. As duas posições mais relevantes, dos setores de varejo e consumo não cíclico, possuem exposição próxima a 30% no portfólio.

Alaska Black

O fundo Alaska Black FIC FIA obteve um retorno de -1,45%, inferior aos +1,22% do benchmark IPCA + 6% a.a. e aos -0,08% do Ibovespa no mesmo período. A carteira de ações teve contribuição negativa de -5,35%. A contribuição mais significativa veio do setor de transportes, enquanto do lado negativo o destaque veio do setor educacional. A posição vendida no dólar contra o real contribuiu positivamente em +3,88%. No mercado de juros, a estratégia não teve contribuição.

As duas posições mais relevantes, dos setores de varejo e consumo não cíclico, possuem exposição próxima a 30% no portfólio de renda variável. Além disso, o fundo possui estratégias de bolsa local, câmbio e juros, conforme detalhado anteriormente.

Alaska Black II

O fundo Alaska Black FIC FIA II obteve um retorno de -1,49%, inferior aos -0,08% do Ibovespa no mesmo período. A carteira de ações teve contribuição negativa de -5,35%. A contribuição mais significativa veio do setor de transportes, enquanto do lado negativo o destaque veio do setor educacional. A posição vendida no dólar contra o real contribuiu positivamente em +3,88%. No mercado de juros, a estratégia não teve contribuição.

As duas posições mais relevantes, dos setores de varejo e consumo não cíclico, possuem exposição próxima a 30% no portfólio de renda variável. Além disso, o fundo possui estratégias de bolsa local, câmbio e juros, conforme detalhado anteriormente.

APEX

Apex Ações 30 FIC FIF Ações No mês de Abril de 2026, o fundo Apex Ações 30 apresentou retorno de -1,12% contra um Ibovespa de -0,08%. Em termos absolutos, os principais destaques positivos foram Saúde, Utilidade Pública e Materiais Básicos. Os destaques negativos foram Consumo Cíclico, Energia e Consumo não Cíclico. Em termos relativos ao Índice Bovespa, as maiores contribuições foram Materiais Básicos, Saúde e Telecom. Os detratores relativos ao Índice foram Consumo Cíclico, Energia e Utilidade Pública. O fundo terminou o mês com uma exposição líquida de 82,5%, bruta de 97,0% e setorial bruta de 31,8% em Serviços Financeiros, 17,2% em Energia, 15,9% em Indústria, 11,7% em Utilidade Pública, 7,4% em Consumo Cíclico, 6,7% em Saúde, 5,0% em Consumo não Cíclico e 1,1% em Materiais Básicos.

Apex Equity Hedge FIF MutimercadoNet 2,83%Gross 117,60% No mês de Abril de 2026, o fundo Apex Equity Hedge apresentou retorno de 0,93% contra um CDI de 1,09%, equivalente a 85% do CDI. Em termos absolutos, os principais destaques positivos foram Saúde, Serviços Financeiros, Utilidade Pública e Consumo Cíclico. Os destaques negativos foram Energia e ETF. O fundo terminou o mês com uma exposição líquida de 2,8%, bruta de 117,6% e setorial bruta de 26,2% em Serviços Financeiros, 24,3% em Utilidade Pública, 16,2% em Energia, 15,8% em Indústria, 11,1% em Consumo Cíclico, 8,9% em Materiais Básicos, 6,1% em Consumo não Cíclico, 5,7% em Saúde, 1,7% em Fundos Imobiliários e 0,7% em Telecom.

ARMOR

Armor Axe

No mês de abril, o fundo Armor Axe obteve um retorno de 2,10%. As principais contribuições para o desempenho do mês vieram das posições em renda variável (+0,83%), com destaque para posições vendidas em bolsa doméstica ao longo mês e compradas em bolsa americana, renda fixa local (+0,48%), aplicadas em juros de médio prazo. Em moedas (+0,16%), posições compradas em real contra dólar e renda fixa global (+0,07%) com posições tomadas em juros americanos.

Armor Sword

No mês de abril, o fundo Armor Sword obteve um retorno de 1,39%. As principais contribuições para o desempenho do mês vieram das posições em renda variável (+0,33%), com destaque para posições vendidas em bolsa doméstica ao longo mês e compradas em bolsa americana, renda fixa local (+0,34%), aplicadas em juros de médio prazo. Em moedas (+0,06%), posições compradas em real contra dólar e renda fixa global (+0,03%) com posições tomadas em juros americanos.

ARX

ARX Denali e ARX Vinson

O fluxo de resgates na indústria de fundos de crédito privado continuou se deteriorando em abril. Após saídas líquidas na ordem de R\$ 10 bilhões em março, abril registrou aproximadamente R\$ 30 bilhões em resgates, desconsiderando um outlier de captação positiva expressiva. Vale observar que parte desse volume de resgates é resultado de solicitações feitas em março, mas liquidadas somente em abril, devido ao prazo de D+30 de alguns fundos. Ainda assim, o cenário evidência um alocador cauteloso diante dos recentes eventos de crédito corporativo e do ambiente macroeconômico e geopolítico incerto.

O risco de crédito contribuiu positivamente no mês, com spreads estáveis e um apetite crescente por ativos de altíssima qualidade creditícia. Nos últimos dois meses, aproveitamos aberturas pontuais de spreads em ativos premium e com durations mais longas para aumentar a alocação. Para manter a liquidez do portfólio, reduzimos a exposição em letras financeiras de curto prazo, movimento que já trouxe resultados positivos no mês. O mercado permanece sensível a notícias corporativas, resultando em volatilidade e movimentos intensos nos preços. Apesar dos desafios, momentos como esses abrem oportunidades de alocação. Seguimos cautelosos na gestão do risco de crédito, considerando o cenário macroeconômico. Acreditamos que os prêmios de risco devem permanecer estáveis no curto prazo e, após as recentes correções, acreditamos que a relação risco-retorno voltou para patamares adequados.

ARX Elbrus

O fluxo de resgates na indústria de fundos de crédito privado continuou se deteriorando em abril. Após saídas líquidas na ordem de R\$ 10 bilhões em março, abril registrou aproximadamente R\$ 30 bilhões em resgates, desconsiderando um outlier de captação positiva expressiva. Vale observar que parte desse volume de resgates é resultado de solicitações feitas em março, mas liquidadas somente em abril, devido ao prazo de D+30 de alguns fundos. Ainda assim, o cenário evidência um alocador cauteloso diante dos recentes eventos de crédito corporativo e do ambiente macroeconômico e geopolítico incerto.

O risco de crédito apresentou desempenho negativo no mês, com o mercado corrigindo e retornando aos níveis observados ao longo de 2024. Apesar de possíveis defasagens de marcação a mercado, o mercado secundário parece ter estabilizado, mostrando um maior

equilíbrio entre oferta e demanda. Após a expressiva reprecificação de spreads em março e abril, os prêmios de risco das debentures incentivadas voltaram para níveis atrativos em termos de risco e retorno, especialmente considerando o benefício tributário em um ambiente de juros elevados. A expectativa é de acomodação dos preços atuais no curto prazo. O risco de mercado teve resultado positivo com o fechamento das taxas das NTN-Bs. Mantivemos a duration do portfólio em 3,3 anos.

ARX Extra

O fundo apresentou retorno positivo em abril. No período, o gross médio da estratégia long short foi de 83,9% e exposição líquida comprada de 4,4%. As maiores contribuições positivas vieram de posições compradas nos setores de energia elétrica, bancário e serviços financeiros. Já os principais detratores do mês foram as posições compradas nos setores de celulose e varejo. A parcela de renda fixa apresentou resultado positivo, com ganhos inteiramente concentrados na posição aplicada na parte intermediária da curva de juros.

Para frente, seguimos apostando no fechamento da curva de juros, especialmente na parte intermediária, em meio à expectativa de entendimento no conflito entre EUA e Irã. Na estratégia Long Short, mantemos nossas alocações nos setores de energia elétrica e locadora de veículos.

ARX Macro

O fundo apresentou retorno positivo em abril. No período, o gross médio da estratégia long short foi de 83,9% e exposição líquida comprada de 4,4%. As maiores contribuições positivas vieram de posições compradas nos setores de energia elétrica, bancário e serviços financeiros. Já os principais detratores do mês foram as posições compradas nos setores de celulose e varejo. A parcela de renda fixa apresentou resultado positivo, com ganhos inteiramente concentrados na posição aplicada na parte intermediária da curva de juros.

Para frente, seguimos apostando no fechamento da curva de juros, especialmente na parte intermediária, em meio à expectativa de entendimento no conflito entre EUA e Irã. Na estratégia Long Short, mantemos nossas alocações nos setores de energia elétrica e locadora de veículos.

BAHIA

Bahia AM Maraú

No mês, os principais ganhos vieram de posições relativas na curva de juros reais brasileira, comprados na inflação curta e no real contra uma cesta de moedas. As principais perdas vieram de posições aplicadas em juros nominais no Brasil e outros mercados emergentes, compradas em ouro e no Ibovespa. O mês de abril foi marcado pela boa performance de ativos de risco e elevada volatilidade dos preços de petróleo e das curvas de juros globais, em meio à guerra no Oriente Médio. No início do mês, foi negociado um cessar-fogo entre os Estados Unidos e Irã. Contudo, até o momento, as lideranças nacionais não encontraram consenso para resolução definitiva do conflito, tendo a questão nuclear como principal impasse. As negociações continuam em andamento, mediadas pelo Paquistão.

Reconhecemos um ambiente global marcado por elevada incerteza em relação ao estágio dos ciclos econômicos nas principais economias e à evolução das tensões geopolíticas. Os fatores que merecem maior atenção são: a duração e as cicatrizes econômicas decorrentes do conflito entre EUA e Irã; a postura dos bancos centrais diante deste ambiente; e a evolução da atividade e inflação nos blocos econômicos. No Brasil, mantivemos posições aplicadas em juros nominais e reais, posições relativas na curva de juros reais, e vendidas em inflação. Mantivemos posições compradas na bolsa brasileira e relativas em ações. Na mesa de moedas, estamos sem posições direcionais no dólar americano e seguimos comprados no dólar australiano contra o euro. No mercado internacional, temos posições compradas em ouro.

CONSTELLATION

Constellation 60

Abril foi um mês de desempenho positivo para o nosso portfólio. O Ibovespa recuou 0,1%, enquanto o S&P 500 em reais avançou 5,4%. Nesse contexto, nosso portfólio apresentou alta de 1,0% no período. A performance foi sustentada principalmente pela maior exposição ao setor de Utilities e pela contribuição positiva do setor financeiro. Em contrapartida, as posições em Real Estate e Tecnologia influenciaram negativamente o resultado no mês. Seguimos focados na seleção de empresas em que temos maior convicção, com fundamentos sólidos e capacidade de geração de valor no longo prazo.

DAHLIA

Dahlia Total Return

Os ânimos da guerra se acalmaram um pouco, com notícias sugerindo proximidade de um acordo. Mesmo assim, o petróleo encerrou o mês ao redor das máximas do ano, agora mais impactado pelo Estreito de Ormuz ainda fechado e pelos estoques globais sendo consumidos do que por uma preocupação de escalada maior no conflito - e isso sugere um preço de equilíbrio mais alto. De qualquer forma, os ativos de risco recuperaram toda a queda de março e voltaram às máximas. O destaque foi a bolsa americana, que performou melhor que as outras bolsas globais impulsionada por uma forte temporada de resultados. No mercado local, o melhor ativo foi o Real, que se beneficia de um petróleo mais alto por causa da balança comercial mais positiva, e também do carregamento mais alto do mundo. A bolsa brasileira caiu no mês, impactada pela reprecificação nos juros, e pela saída de capital estrangeiro na segunda metade do mês. Tivemos ganhos nas posições de bancos, utilities e ações no exterior, que compensaram as perdas em setores cíclicos.

O fundo tem como objetivo ter uma carteira balanceada, com foco em ações no Brasil, mas também com posições em ações no exterior, renda fixa, moedas e commodities. Brasil segue representando quase todo o risco do fundo, com posições ativas em ações, principalmente nos setores de bancos, commodities, utilities e cíclicos domésticos, e Real. No exterior, mantemos posições ativas em Estados Unidos e China.

Dahlia Ações

Os ânimos da guerra se acalmaram um pouco, com notícias sugerindo proximidade de um acordo. Mesmo assim, o petróleo encerrou o mês ao redor das máximas do ano, agora mais impactado pelo Estreito de Ormuz ainda fechado e pelos estoques globais sendo consumidos do que por uma preocupação de escalada maior no conflito - e isso sugere um preço de equilíbrio mais alto. De qualquer forma, os ativos de risco recuperaram toda a queda de março e voltaram às máximas. O destaque foi a bolsa americana, que performou melhor que as outras bolsas globais impulsionada por uma forte temporada de resultados. No mercado local, o melhor ativo foi o Real, que se beneficia de um petróleo mais alto por causa da balança comercial mais positiva, e também do carregamento mais alto do mundo. A bolsa brasileira caiu no mês, impactada pela reprecificação nos juros, e pela saída de capital estrangeiro na segunda metade do mês. Os

ganhos nas posições de bancos e utilities não foram suficientes para compensar as perdas nos outros setores, principalmente nas construtoras.

O fundo Dahlia Ações tem como objetivo investir nas melhores empresas do Brasil, através de um portfólio balanceado, alavancando os conhecimentos do time na análise macro e fundamentalista das ações. Dado o aumento no risco geopolítico, estamos mais equilibrados entre financeiros, utilities, cíclicos e commodities.

Dahlia Macro Global

Os ânimos da guerra se acalmaram um pouco, com notícias sugerindo proximidade de um acordo. Mesmo assim, o petróleo encerrou o mês ao redor das máximas do ano, agora mais impactado pelo Estreito de Ormuz ainda fechado e pelos estoques globais sendo consumidos do que por uma preocupação de escalada maior no conflito - e isso sugere um preço de equilíbrio mais alto. De qualquer forma, os ativos de risco recuperaram toda a queda de março e voltaram às máximas. O destaque foi a bolsa americana, que performou melhor que as outras bolsas globais impulsionada por uma forte temporada de resultados. No mercado local, o melhor ativo foi o Real, que se beneficia de um petróleo mais alto por causa da balança comercial mais positiva, e também do carregamento mais alto do mundo. A bolsa brasileira caiu no mês, impactada pela reprecificação nos juros, e pela saída de capital estrangeiro na segunda metade do mês. Tivemos ganhos nas posições de bolsas internacionais, principalmente ações de tecnologia nos Estados Unidos.

O fundo Dahlia Global é um fundo multimercado macro, que tem como objetivo construir um portfólio balanceado, englobando principalmente ações, moedas, juros e commodities. Essa combinação visa reduzir o nível de risco do fundo, focando também na preservação de capital. Mantemos posições ativas em ações internacionais, incluindo Estados Unidos, Brasil e China, além de posição comprada em Real contra pares desenvolvidos.

DRYS

Equitas Selection

Em abril, nossos fundos apresentaram desempenho expressivo, com forte recuperação após o ambiente adverso de março, capturando a reversão do humor global e o rali histórico observado nos mercados de tecnologia e semicondutores. O Equitas Selection apresentou alta de 10,24%. O resultado foi impulsionado, sobretudo, pela forte performance das posições internacionais ligadas à cadeia de tecnologia e inteligência artificial, combinada à contribuição positiva de nomes domésticos específicos. No cenário internacional, abril foi marcado por uma reversão importante do estresse observado em março com a instalação do conflito EUA e Irã. A decisão do Federal Reserve de manter os juros inalterados na faixa de 3,50% a 3,75%, com a votação mais dividida desde 1992 foi recebida sem maiores sobressaltos, e a leitura predominante seguiu sendo a de que a autoridade monetária preserva flexibilidade para retomar cortes ao longo de 2026, a depender da evolução da inflação e do ambiente geopolítico. O S&P 500 avançou 10,4% no mês e o Nasdaq 15,6%, ambos atingindo máximas históricas, à medida que o mercado passou a precificar um cenário de menor risco de escalada geopolítica no Oriente Médio e voltou a concentrar sua atenção na força dos resultados corporativos e na continuidade do ciclo de investimentos em inteligência artificial. O índice SOX (Philadelphia Semiconductor) avançou quase 40% no mês, maior performance mensal desde fevereiro de 2000 (auge da bolha dot-com), em movimento que combinou demanda estrutural por chips de memória e processadores para Inteligência Artificial e resultados corporativos extraordinários. No mercado doméstico, o ambiente foi de estabilidade no índice, mas com dinâmica interna mais desafiadora. O Ibovespa chegou a renovar máximas históricas e se aproximar da marca de 200 mil pontos, mas devolveu praticamente todos os ganhos na segunda metade do período. O Copom, em decisão unânime cortou a Selic em 0,25pp para 14,50% ao ano, dando sequência ao ciclo iniciado em março, mesmo diante da elevação das expectativas do IPCA para 2026. O fluxo estrangeiro permaneceu positivo (R\$ 8,6 bilhões no mês), embora com desaceleração relevante na segunda quinzena. O grande contraste do mês foi a divergência entre as bolsas globais e a brasileira: enquanto Nasdaq e S&P 500 entregaram seus melhores meses em mais de quatro anos, o Ibovespa fechou no zero a zero e as Small Caps recuaram, refletindo a maior cautela com nomes domésticos sensíveis à curva de juros e o impacto do petróleo elevado sobre a expectativa de inflação local. Setores ligados a dividendos, qualidade operacional e companhias com catalisadores próprios seguiram encontrando suporte, enquanto nomes mais dependentes

de uma normalização mais rápida de juros ou de melhora do consumo continuaram exibindo comportamento mais errático. No portfólio, os principais destaques positivos do mês foram Micron (+53,1%), Orizon (+14,2%) e Sandisk (+72,6%). A contribuição de Micron e Sandisk refletiu a força extraordinária do ciclo de memória e armazenamento, em que a combinação de demanda por IA, restrições de oferta e poder de preço tem levado a revisões positivas de lucros. Em ambos os casos, a performance do mês reforça nossa visão de que a infraestrutura física de IA segue sendo uma das áreas mais assimétricas do mercado global, com fundamentos ainda em aceleração. Em Orizon, o desempenho positivo refletiu a continuidade da trajetória de amadurecimento operacional da companhia e a expectativa positiva em torno da finalização da fusão com a Vital Engenharia, em um setor de serviços ambientais com vetores estruturais robustos e barreiras de entrada relevantes. Do lado negativo, os principais detratores foram Lojas Quero-Quero (-10,0%), VTEX (-6,0%) e Movida (-6,0%). Em VTEX, observamos um mês de acomodação após a forte performance de março (+16,6%), em movimento típico de empresas de menor capitalização e maior sensibilidade ao humor global para Software/SaaS, sem alterações relevantes nos fundamentos da tese. Em Quero-Quero, o desempenho reflete um ambiente ainda desafiador para varejo de construção, com juros elevados, consumo discricionário pressionado e baixa visibilidade de recuperação de margem no curto prazo. Em Movida, a realização ocorreu mesmo com a companhia apresentando sinais de melhora operacional, o papel seguiu pressionado pela sensibilidade à curva de juros, pelo debate sobre depreciação de frota e pelo alto beta após forte volatilidade recente. Entre nossas posições core ainda não mencionada, 3Tentos subiu 5,0%, refletindo a expectativa de uma recuperação de seus resultados no 1T26, início da operação da nova planta de etanol de milho prevista para maio e a continuidade da execução em todos os segmentos da empresa. Encerramos abril com uma leitura construtiva, mas seletiva. O mês reforçou a força das teses ligadas à infraestrutura de IA, especialmente nos segmentos em que a oferta permanece restrita e a demanda segue surpreendendo positivamente. Ao mesmo tempo, o ambiente doméstico continua exigindo cautela: a queda da Selic começou, mas o nível absoluto de juros ainda é elevado, a inflação segue sensível ao petróleo e o ciclo eleitoral brasileiro tende a aumentar a volatilidade dos ativos locais nos próximos meses. Mantemos o portfólio equilibrado entre teses estruturais globais de crescimento secular, posições domésticas com forte assimetria de valor e companhias que podem se beneficiar da normalização gradual dos juros no Brasil.

ENCORE

Encore Long Bias

O fundo encerrou o mês com rentabilidade -2,76%, o benchmark (IPC-A + yield IMA-B 5+) com retorno de 0,20%. As principais posições contribuidoras de performance foram ENEV3, AXIA7 e KLBN11. As principais posições detratoras foram SMFT3, TEND3 e CURY3. Com relação às posições do portfólio, tivemos algumas mudanças. No lado das compras, montamos nova posição em Vibra Energia S.A. (VBBR3) e aumentamos a exposição em Equatorial S.A. (EQTL3) e Nu Holdings Ltd. (ROXO34). No campo das reduções, zeramos Allos S.A. (ALOS3), Sabesp (SBSP3) e Azzas 2154 S.A. (AZZA3), além de vendas marginais nas posições de StoneCo Ltd (STOC34) e Cia Paranaense de Energia S.A. (CPLE3). Atualmente, estamos com aproximadamente 90% net long. Continuamos a olhar com atenção para o mercado de derivativos, procurando hedges assimétricos que possam ajudar o nosso portfólio.

Encore Ações

O fundo está no mês com rentabilidade -2,12% versus -0,08% do Ibovespa. As principais posições contribuidoras de performance foram XPBR31, VBBR3 e CPLE3. As principais posições detratoras foram SMFT3, TEND3 e CURY3. Com relação às posições do portfólio, tivemos algumas mudanças. No lado das compras, montamos nova posição em Vibra Energia S.A. (VBBR3) e aumentamos a exposição em Equatorial S.A. (EQTL3) e Nu Holdings Ltd. (ROXO34). No campo das reduções, zeramos Allos S.A. (ALOS3), Sabesp (SBSP3) e Azzas 2154 S.A. (AZZA3), além de vendas marginais nas posições de StoneCo Ltd (STOC34) e Cia Paranaense de Energia S.A. (CPLE3). Atualmente, estamos com aproximadamente 93% net long.

EXPLORITAS

Exploritas Alpha

O Exploritas Alpha teve um ganho de +13.8% no mês de abril, com destaque para os books de ações e de juros. No livro de ações, tivemos ganhos tanto na parte comprada como na vendida, com contribuições de +459 e +196 bps respectivamente, somando um total de +655 bps. Os destaques foram os ganhos com os direitos de subscrição de Vamos e Simpar, e também nas posições compradas em Hapvida e Evex. Na parte de juros, tivemos ganhos de +563 bps vindo das NTN-Bs no Brasil. Em câmbio e bonds, tivemos ganhos de +34 e +55 bps respectivamente. No Exploritas Alpha, seguimos com posição próxima de neutra em ações na região e carregamos uma posição mais relevante aplicada em juros reais no meio e na parte longa da curva no Brasil.

Exploritas Marathon

O Exploritas Marathon teve uma alta de +6.0% durante o mês de abril, desempenho bastante superior ao do Índice de Small Caps da Bovespa, que caiu -3.5% no mês e ao do próprio Ibovespa, que ficou ligeiramente negativo em abril, caindo -0.1%. Nosso book de ações contribuiu com +362 bps no mês, com destaque para os direitos de subscrição de Vamos e Simpar, e também de posições compradas em Hapvida e Evex. Tivemos pequenas perdas em ações no Chile e na Argentina, que juntos subtraíram -10 bps da cota em abril. Na parte de juros, tivemos ganhos de +179 bps com uma contribuição positiva das NTN-Bs longas, que fecharam tanto nos vértices longos como nos curtos ao longo do mês. Nossa posição comprada no Real contribuiu com +40 bps no mês e, na parte de bonds, tivemos ganhos de +55 bps. Seguimos com uma posição construtiva no mercado de ações e com uma posição comprada na parte média e longa da curva de juros reais do Brasil.

GÁVEA

Gávea Macro

Abril foi marcado pela estabilização parcial do cenário geopolítico, embora com o Estreito de Ormuz fechado e impactos relevantes nos preços de energia. Os bancos centrais passaram a sinalizar maior cautela, com risco de um ciclo mais coordenado de aperto em algumas economias. No Brasil, o ciclo de cortes seguiu, mas com menor espaço à frente. No portfólio, reduzimos o viés direcional em juros, tornando a carteira mais balanceada e relativa, com posições aplicadas em Brasil, México e Ásia, combinadas a tomadas na América Latina e na inflação dos EUA. Em moedas, migramos para uma posição mais neutra em Dólar, com foco em oportunidades idiossincráticas, incluindo posições contra o Peso Colombiano. Em bolsa, aumentamos a exposição através do tema de AI que acreditamos se beneficiar também com a melhor geopolítica. Em termos de performance, os principais ganhos vieram das estratégias em juros na América Latina e em mercados desenvolvidos, além de contribuições relevantes da bolsa internacional, especialmente na Ásia. Por outro lado, o book de moedas teve resultado levemente negativo, com perdas concentradas em posição no Euro.

GENOA

Genoa Arpa

O cessar-fogo no Oriente Médio segue vigente, mas o fluxo reduzido pelo Estreito de Ormuz mantém o petróleo pressionado e o viés hawkish nos principais Bancos Centrais, adiando, ou até revertendo, ciclos de afrouxamento globalmente. Nos EUA, atividade e mercado de trabalho permanecem resilientes, e a temporada de resultados corporativos trouxe surpresas positivas generalizadas – ainda que o debate interno do Fed tenha migrado gradualmente para uma postura mais neutra com a necessidade de cortes adicionais. No Brasil, a economia segue surpreendendo positivamente, o que, combinado a uma inflação mais pressionada, reduz o espaço para cortes de juros adicionais. A exposição líquida à renda variável se encontra acima do neutro, em torno de 75%, enquanto a exposição bruta permanece ao redor de 160%.

As principais contribuições positivas do mês vieram das posições compradas em empresas americanas dos setores de semicondutores e industriais, e das posições compradas em empresas locais do setor de utilidades públicas. Contribuíram negativamente as posições compradas em empresas domésticas dos setores de energia e construção civil.

GIANT STEPS

Giant Zarathustra e Giant Darius

Em abril, o resultado do Zarathustra foi negativo. O book de estratégias de alta frequência foi o principal promotor de performance. O principal detrator de performance foi o book local de Equities Long-Short Market Neutral, com destaques para os setores de Real Estate (de maior ganho) e de Utilities (de maior perda). O book de trend em commodities agrícolas foi o segundo maior detrator de performance, enquanto o book de trend em juros locais teve impacto aproximadamente nulo.

O fundo começa maio zerado em juros, com posições não direcionais na bolsa local, vendido em commodities agrícolas e com maior risco em modelos de alta frequência, que foram ganhando exposição progressiva ao longo dos últimos meses.

Giant Sigma

O fundo terminou o mês de abril com resultado positivo. Os principais ganhos vieram das posições compradas em bolsa americana e local. Os books de juros e inflação também adicionaram performance ao fundo, com ganhos consistentes ao longo da curva. As principais detratoras foram as posições compradas em ouro e em small caps brasileiras. As posições em imobiliário e moedas tiveram contribuição neutra no período.

O fundo começa maio com aumento das posições compradas em bolsa americana e local. Reduziu de forma significativa a posição comprada em ouro e diminuiu marginalmente a exposição em juros reais e em juros nominais curtos. As posições em imobiliário e em moedas foram mantidas estáveis.

GUEPARDO

Guepardo Institucional

O fundo apresentou queda de 1,2% no mês, ficando abaixo do Ibovespa, que recuou 0,1% no período. No horizonte de 36 meses, o fundo acumula retorno de 74,1%, em linha com o Ibovespa (79,4%). No mês de abril, o mercado acionário brasileiro apresentou uma performance lateralizada, marcada por uma saída líquida de capital estrangeiro, o pior resultado mensal do ano nesse quesito. O início da temporada de balanços do primeiro trimestre de 2026 (1T26) trouxe maior volatilidade para ativos específicos. As empresas que mais contribuíram com performance positiva foram o Grupo Ultra, Gerdau e Allos. Já as que contribuíram negativamente foram a Klabin e Grupo Mateus. Seguimos confortáveis com a composição da carteira e com o racional de investimento baseado em fundamentos, entendendo que o descolamento observado no mês reflete predominantemente fatores técnicos de curto prazo e reações pontuais a balanços, e não mudanças estruturais nas empresas investidas. O caixa do fundo permanece próximo a zero, mostrando que a gestão continua enxergando excelentes oportunidades de investimento.

HIX

HIX Institucional

Nosso trabalho continua o mesmo de sempre: investir em empresas com previsibilidade de fluxo de caixa, vantagem competitiva durável e desconto relevante frente ao valor intrínseco.

A bolsa brasileira passa por um momento que merece atenção. Em cinco anos, a razão entre o índice de small caps e o Ibovespa caiu de 1,24 para cerca de 0,65 – quase 50% de compressão no relativo. Em absoluto, o Ibov acumula +60% no período, enquanto small caps estão ~14% abaixo. No múltiplo, o Ibov negocia perto da média histórica e small caps cerca de 10% abaixo da sua.

Quando olhamos para os fundamentos das empresas que acompanhamos, não enxergamos deterioração que justifique esse gap. Para nós, a história é de fluxo, não de fundamento. Neste ano, entraram cerca de R\$ 65 bilhões de estrangeiro na bolsa, concentrados nos maiores nomes do índice e em commodities – duas petroleiras sozinhas valem 15% do Ibov e subiram 50% no ano. Na outra ponta, o institucional local retirou aproximadamente R\$ 50 bilhões, esgalado por anos de juro real elevado.

Chamamos esse desequilíbrio de “mola comprimida”. Não é possível cravar quando ela vai destravar, mas o mercado local, hoje pressionado pelo nível elevado de juros reais, tende a se recuperar à medida que esses juros cedam de forma consistente. Diferentemente do investidor estrangeiro, que costuma se concentrar nos grandes nomes do índice, o capital local também aloca em mid e small caps domésticas – justamente o segmento que hoje se encontra mais descontado. Quando esse movimento de retorno ocorrer, ele tende a ser rápido e desproporcional, refletindo o tamanho da distorção acumulada.

A HIX investe em empresas de todos os portes da bolsa – large, mid e small caps. Montamos a carteira posição a posição, conhecendo a fundo modelo, mercado e gestores. Nossas cinco maiores posições – Eneva, Orizon, OceanPact, Intelbras e Plano e Plano – somam mais da metade do fundo e dividem o mesmo DNA.

O HIX Institucional FIA fechou abril com alta de +1,8%, à frente do Ibovespa (-0,1%), do SMLL (-3,2%) e do ICON (-5,3%). No ano, o fundo sobe +11,2%; em 12 meses, +34,6%; em 24 meses, +41,1% – bem acima dos principais índices de bolsa e do CDI no período (+28,0%).

Do lado positivo, Eneva (+2,0%) seguiu ganhando tração com a tese de despacho térmico e o LRCAP de 2026, em que enxergamos margem adicional ainda subestimada pelo mercado. Orizon (+1,5%) continuou capturando os ganhos da combinação com a Vital, que consolida a empresa como líder de mercado e abre espaço para sinergias relevantes em biometano. OceanPact também contribuiu, beneficiada pelo anúncio de um novo contrato de quatro anos com a Petrobras e pelo avanço da combinação com a CBO, que melhora margens, dilui ociosidade e organiza a governança.

Na ponta negativa, Plano e Plano (-1,3%) reagiu a uma prévia de 1T26 abaixo do consenso de curto, mas a tese estrutural segue intacta. Suzano (-0,7%) cedeu com câmbio mais apreciado; Stone (-0,6%) devolveu capital relevante via dividendo extraordinário e ajustou após dados mais fracos de volume nas maquininhas, agora em patamar de preço mais atrativo.

HIX FIANosso trabalho continua o mesmo de sempre: investir em empresas com previsibilidade de fluxo de caixa, vantagem competitiva durável e desconto relevante frente ao valor intrínseco.

A bolsa brasileira passa por um momento que merece atenção. Em cinco anos, a razão entre o índice de small caps e o Ibovespa caiu de 1,24 para cerca de 0,65 – quase 50% de compressão no relativo. Em absoluto, o Ibov acumula +60% no período, enquanto small caps estão ~14% abaixo. No múltiplo, o Ibov negocia perto da média histórica e small caps cerca de 10% abaixo da sua.

Quando olhamos para os fundamentos das empresas que acompanhamos, não enxergamos deterioração que justifique esse gap. Para nós, a história é de fluxo, não de fundamento. Neste ano, entraram cerca de R\$ 65 bilhões de estrangeiro na bolsa, concentrados nos maiores nomes do índice e em commodities – duas petroleiras sozinhas valem 15% do Ibov e subiram 50% no ano. Na outra ponta, o institucional local retirou aproximadamente R\$ 50 bilhões, escaldado por anos de juro real elevado.

Chamamos esse desequilíbrio de “mola comprimida”. Não é possível cravar quando ela vai destravar, mas o mercado local, hoje pressionado pelo nível elevado de juros reais, tende a se recuperar à medida que esses juros cedam de forma consistente. Diferentemente do investidor estrangeiro, que costuma se concentrar nos grandes nomes do índice, o capital local também aloca em mid e small caps domésticas – justamente o segmento que hoje se encontra mais descontado. Quando esse movimento de retorno ocorrer, ele tende a ser rápido e desproporcional, refletindo o tamanho da distorção acumulada.

A HIX investe em empresas de todos os portes da bolsa – large, mid e small caps. Montamos a carteira posição a posição, conhecendo a fundo modelo, mercado e gestores. Nossas cinco maiores posições – Eneva, Orizon, OceanPact, Intelbras e Plano e Plano – somam mais da metade do fundo e dividem o mesmo DNA.

Atribuição de performance

O HIX Capital FIA fechou abril com alta de +1,9%, à frente do Ibovespa (-0,1%), do SMLL (-3,2%) e do ICON (-5,3%). No ano, o fundo sobe +12,3%; em 12 meses, +37,9%; em 24 meses, +44,1% – desempenho consistentemente acima dos principais índices de bolsa e bem à frente do CDI no período (+28,0%).

Do lado positivo, Eneva (+2,0%) seguiu ganhando tração com a tese de despacho térmico e o LRCAP de 2026, em que enxergamos margem adicional ainda subestimada pelo mercado. Orizon (+1,6%) continuou capturando os ganhos da combinação com a Vital, que consolida a empresa como líder de mercado e abre espaço para sinergias relevantes em biometano. OceanPact (+1,2%) foi beneficiada pelo anúncio de um novo contrato de quatro anos com a Petrobras e pelo avanço da combinação com a CBO, que melhora a estrutura de margens, dilui ociosidade e organiza a governança.

Na ponta negativa, Plano e Plano (-1,2%) reagiu a uma prévia de 1T26 abaixo do consenso de curto, mas a tese estrutural – execução, geração de caixa e exposição ao MCMV – segue intacta. Suzano (-0,7%) cedeu com câmbio mais apreciado. Stone (-0,6%) devolveu capital relevante via dividendo extraordinário e ajustou após dados mais fracos de volume nas maquininhas, agora em patamar de preço mais atrativo.

IBIUNA

Ibiuna Credit

Abril foi marcado por uma melhora consistente e generalizada dos ativos de crédito globais, e isso a despeito da guerra no Oriente Médio continuar sem resolução definitiva e do cessar-fogo entre EUA, Israel e Irã ter se mantido apenas de forma provisória, com o Estreito de Ormuz ainda efetivamente fechado ao tráfego comercial e o petróleo oscilando entre US\$ 80,8 e US\$ 117,6 ao longo do mês. Ainda assim, os spreads de crédito fecharam de forma expressiva: o CDX.HY comprimiu 55 pontos-base, com retorno de quase 3% no período; os índices CEMBI e EMBIG registraram desempenhos fortemente positivos, com os CEMBIs avançando entre 1,61% e 2,57%, enquanto os índices EMBIG entre 1,73% e 3,18%. Os spreads desses índices fecharam entre 34 e 52 pontos-base no mês. O S&P 500 subiu 10,6%, atingindo nova máxima histórica no primeiro dia útil de maio, confirmando o apetite por risco que tomou conta dos mercados ao longo das últimas semanas.

Na estratégia offshore, a forte performance dos ativos de crédito emergentes não se traduziu integralmente no resultado da nossa carteira de bonds. A posição em Aegea, empresa brasileira de saneamento, gerou retorno de -0,28% no mês, suficiente para transformar o que seria um resultado positivo em uma contribuição negativa de -0,08% para o fundo (usando o Ibiuna Credit como exemplo). Raramente nos referimos a um nome específico, mas a relevância do evento justifica a exceção. A empresa atrasou a divulgação de seus demonstrativos financeiros e republicou os números dos trimestres / anos anteriores. Introduziu alterações que modificaram marginalmente nossa avaliação sobre a qualidade do crédito, já ajustávamos o cálculo do EBITDA contando com esses ajustes exigidos agora pelo auditor. Mas, para o investidor internacional, menos especializado e já muito machucado com os eventos de Ambipar, Braskem e Raízen, o episódio foi uma surpresa expressiva no cálculo do EBITDA, junto com o atraso, na divulgação dos balanços, o que fez com que o preço dos bonds da empresa caísse significativamente. O que poderia ter sido administrado com comunicação transparente e tempestiva se tornou uma crise de credibilidade. A empresa precisará entregar a desalavancagem prometida para recuperar o acesso ao mercado externo em condições razoáveis de custo.

No cenário doméstico, o processo de recuperação extrajudicial da Raízen continuou avançando. A reestruturação teve seu processamento deferido pelo Judiciário e as negociações com

credores evoluíram em torno de propostas que incluem conversão de dívida em participação acionária. Mantivemos postura conservadora em ambos os processos, Raízen e GPA, sem adicionar exposição enquanto os termos finais não se consolidam.

No mercado de crédito local tradicional, abril apresentou dinâmica mais benigna do que março, especialmente nas duas últimas semanas do mês. Os spreads comportaram-se de forma mais ordenada, com alguns papéis registrando fechamento e um mercado secundário significativamente mais saudável do que observamos em fevereiro e março. O mercado primário, por sua vez, operou com pipeline próximo a zero, em parte reflexo das incertezas ainda presentes, em parte consequência do nível elevado de resgates na classe, que seguiram pesando sobre o fluxo da indústria. Apesar disso, encerramos o mês com uma percepção menos negativa do que tínhamos no início de abril. Ao longo do período, começamos a usar o caixa de forma seletiva e parcimoniosa para alocar em emissores que, a nosso ver, sofreram correções que justificam o ponto de entrada atual, deixando, contudo, espaço suficiente para eventuais correções adicionais. Mesmo após essas alocações, o nível de caixa da carteira permanece bem acima da média histórica dos fundos.

No mercado de debêntures incentivadas, a abertura de spreads continuou de forma generalizada, sem distinção relevante de emissor ou qualidade de crédito, sinal de um movimento predominantemente técnico. Não identificamos comprador marginal relevante capaz de absorver o fluxo de resgates, e a liquidez no mercado secundário permanece muito baixa. Diante desse quadro, optamos por não aumentar nossa exposição à classe, mesmo com vários nomes já apresentando spreads aparentemente atrativos. O movimento técnico negativo prevalece, e entendemos que é cedo para assumir que o fundo do ciclo foi atingido.

Iniciamos abril com portfólio defensivo no crédito local, caixa acima da média histórica e duration reduzido. Ao longo do mês começamos a investir o caixa dos fundos não incentivados, pois alguns papéis mostraram uma correção relevante passando a ter um risco/retorno mais adequado, e acreditamos que continuaremos a agregar risco no mercado local não incentivado. No offshore, seguimos com exposição acima da média recente, mas dado à boa performance em abril, algumas posições passaram a ficar caras e começamos a reduzi-las nos últimos dias do mês.

Ibiuna Hedge STH

O conflito no Oriente Médio segue dando a tônica dos mercados globais. Passado o impacto

adverso inicial da crise, houve certo otimismo com seu potencial desfecho rápido. Diante da intensificação das operações militares, os mercados passaram a operar em forte onda de aversão a risco refletindo a preocupação com uma alta relevante e prolongada do preço do petróleo. Desde o cessar-fogo em meados de abril no entanto, os agentes entraram em compasso de espera e a volatilidade dos preços de ativos globais caiu à medida em que o conflito evoluiu para um impasse sobre o fechamento do estreito de Hormuz, ainda que o preço do petróleo siga próximo a seu recorde recente. Os próximos trinta dias serão cruciais ao desenho de cenários para o resto do ano, pois devemos ter maior visibilidade sobre a saída desse impasse, caminhando para uma reabertura rápida, uma volta a ofensivas militares ou um fechamento mais duradouro do estreito.

O cenário mais otimista combina dois fatores: a resiliência da economia global a uma alta limitada do preço do petróleo diante de um forte momentum de crescimento nesse primeiro trimestre, e bancos centrais que têm se mostrado atentos mas pacientes em acomodar impactos primários do choque adverso de oferta. Assim, uma reabertura tempestiva do estreito apontaria para efeitos temporários da alta de custos de energia, bancos centrais focados nos trade-offs locais de inflação vs. crescimento e cenários mais construtivos a risco no resto do ano. Por outro lado, um fechamento mais prolongado de Hormuz apontaria para restrições globais relevantes de oferta com potenciais impactos não lineares associados a picos de preços de energia. Seu efeito simultâneo em regiões distintas do globo aumentaria a chance de relevantes pressões inflacionárias de segunda ordem, uma desaceleração abrupta ou mesmo recessão, apontando para um ambiente de aversão a risco e vulnerabilidade dos ativos de risco. O momento é de baixa visibilidade, mas vemos probabilidade um pouco maior de um cenário de alta limitada dos preços de energia e ambiente mais construtivo. Ainda assim, estamos atentos e monitorando o cenário em alta frequência de forma a ajustar o portfólio a mudanças relevantes no cenário à frente.

Os ativos brasileiros têm performado relativamente bem nesse ambiente, seja pelo país ser um exportador líquido de petróleo, seja porque estamos geograficamente distantes da área de conflito. O nosso elevado nível de juros também contribui para amortecer o impacto das ondas de aversão a risco à moeda brasileira, ainda que pressões inflacionárias resultantes da alta dos preços de combustíveis tenham reduzido o espaço para cortes de juros. Aqui, além da superação do impasse em Hormuz, gradualmente o cenário eleitoral passará a ganhar relevância já que estamos agora a menos de seis meses da eleição presidencial.

Nesse contexto, nossa alocação a risco seguirá condicionada principalmente à definição do cenário internacional nas próximas semanas. A estratégia macro mantém como principais posições: Renda Fixa: no Brasil, pequena posição aplicada em juros nominais e trades de valor relativo nas curvas reais e implícitas; no exterior, foco em emergentes selecionados. Moedas: seguimos comprados na moeda chinesa, na Hungria e com trades táticos vendidos em dólar via opções. Renda Variável: mantemos exposição comprada na bolsa brasileira e mantemos risco também via a estratégia long-short não direcional. Crédito: reduzimos a postura defensiva no crédito local ao longo do mês após correção relevante de spreads de alguns corporativos brasileiros. Commodities: mantemos pequena exposição comprada em petróleo e ouro.

Ibiuna Long Biased, Ibiuna long Short STLS e Ibiuna Equities

O Ibovespa encerrou abril em estabilidade, com queda marginal de 0,08% aos 187.318 pontos, após ter atingido a máxima histórica de 199.355 pontos em 14 de abril. No acumulado do ano, o índice mantém alta de 16,26%, figurando entre os principais destaques globais. O Real apreciou +4,38% no período e fechou cotado a R\$4,952/US\$, menor patamar em mais de dois anos. No período de 12 meses encerrado em abril, o fundo Ibiuna Long Short STLS retorna +17,52% (118% do CDI), o Ibiuna Long Biased rende +26,42% (IMA-B + 14,08% ou IBOV - 12,27%) enquanto o Ibiuna Equities valoriza +36,41% (IBX - 2,57%).

No âmbito doméstico, o Copom deu prosseguimento ao ciclo de flexibilização monetária e reduziu a Selic em 0,25 ponto percentual, para 14,50% ao ano, em decisão novamente unânime. O comunicado, contudo, adquiriu tom mais cauteloso: o Banco Central revisou para cima sua projeção de inflação para 2026, agora em 4,6% (acima do teto da meta), e abriu espaço para calibrar ritmo e extensão do afrouxamento conforme se materializem os efeitos secundários do choque energético. As expectativas embutidas no Boletim Focus já se aproximam de 5% para o mesmo horizonte. O IPCA-15 acelerou para 0,89% em abril e acumula 4,37% em doze meses, pressionado por alimentos e transportes; em paralelo, a defasagem dos preços domésticos da Petrobras superou 40% no diesel e alimenta a perspectiva de repasses adicionais. A atividade econômica, em contraste, segue resiliente com previsões para o PIB de 2026 oscilando entre 1,5% e 2%. No front político, o Senado impôs derrota importante ao governo ao rejeitar a indicação de Jorge Messias para o Supremo Tribunal Federal – primeira recusa em 132 anos. O episódio sinaliza que mesmo a base parlamentar passa a precificar uma reeleição menos provável, leitura corroborada pelas pesquisas mais recentes, que apontaram pela primeira vez o Senador Flávio Bolsonaro numericamente à frente do Presidente Lula em cenário de segundo

turno da eleição presidencial de outubro de 2026.

No mercado internacional, o destaque do mês foi o forte tensionamento da curva de Treasuries americanas: o yield da nota de 30 anos cravou 5% nos últimos pregões de abril, retornando aos níveis mais elevados desde meados de 2025. O movimento materializa a tese de uma inflação estrutural mais persistente, fenômeno que tende a sustentar bolsas e commodities – o S&P 500 valorizou-se cerca de 8,7% no mês e atingiu novo recorde acima de 7.100 pontos – mas penaliza simultaneamente a renda fixa de longa duração e a moeda americana. Em paralelo, a transição na presidência do Federal Reserve tomou contornos definitivos com a aprovação da indicação de Kevin Warsh pelo Comitê de Bancos do Senado em 29 de abril; a confirmação plena pelo plenário é aguardada para meados do mês, antes do encerramento do mandato de Jerome Powell em 15 de maio. A perspectiva de uma nova condução do Fed em ambiente de fiscal expansivo e prêmio de risco geopolítico elevado tende a sustentar a pressão sobre os juros longos ao longo dos próximos trimestres.

O quadro agregado permanece construtivo para a bolsa brasileira, sustentado por duas vantagens relativas em escala global: o Brasil é exportador líquido de petróleo – beneficiário do novo patamar das cotações da commodity – e atravessa, na contramão dos pares desenvolvidos, um processo de redução da taxa básica de juros. A combinação sustenta o fluxo positivo de não residentes na B3: apesar de saídas líquidas na última semana, os investidores estrangeiros alocaram cerca de R\$2,9 bilhões no mês e R\$46,6 bilhões no acumulado do ano, movimento que contribuiu para a apreciação do Real no período. Nesse contexto, reduzimos a exposição a incorporadoras e shopping centers (segmentos mais sensíveis ao custo de financiamento de longo prazo e ao consumo discricionário em ambiente de inflação resiliente) e ampliamos a participação em uma companhia do setor de saúde, que reúne maior previsibilidade de fluxo de caixa, demanda menos cíclica e maior capacidade de repasse de preços. Mantemos foco em companhias dotadas de robustez operacional, baixa alavancagem financeira e disciplina exemplar na alocação de capital. Para as próximas semanas, monitoraremos especialmente os desdobramentos do conflito no Oriente Médio e a sinalização do Banco Central quanto à continuidade do ciclo de redução da Selic em meio a um quadro inflacionário mais desafiador.

IRIDIUM

Iridium Apollo

No mês de abril, o fundo obteve um retorno de +1,20% (109,91% do CDI). Nos últimos 12 meses, o fundo apresenta uma rentabilidade de +14,08% (94,95% do CDI). Apesar do ambiente desafiador no mercado de crédito privado, o fundo apresentou, em abril, um desempenho acima de seu objetivo de retorno e dos seus concorrentes. O cenário, que já vinha pressionado em função das relevantes reestruturações anunciadas no início do ano, deteriorou-se adicionalmente ao longo do mês após o anúncio da postergação da divulgação das demonstrações financeiras da Aegea. Esse evento provocou uma abertura significativa dos spreads de crédito não apenas nos títulos da própria emissora, mas também em papéis de outros emissores percebidos como mais alavancados. Nesse contexto, a estratégia do fundo de manter uma elevada liquidez e uma carteira com prazo médio mais curto mostrou-se acertada. Segue a atribuição de performance: Títulos Públicos: +0,63%; Debêntures: +0,31%; FIDCs: +0,07%; Títulos Bancários: +0,20%; Outros Ativos: +0,02%; Hedge: 0,00%; e Custos: -0,03%.

A exposição à Aegea apresentou impacto limitado e a gestão aproveitou para aumentar marginalmente a posição a taxas consideradas bastante atrativas. Importante destacar que esse incremento não resultou em aumento relevante da exposição total ao emissor, uma vez que foi parcialmente compensado pela amortização de outra debênture de Aegea recebida no período. Adicionalmente, foram ampliadas as exposições em Armac, a CDI + 3,2%, e em União Química, a CDI + 2,3%. O fundo segue com nível elevado de liquidez e bem-posicionado para capturar oportunidades que possam surgir, seja em decorrência de eventos de crédito, seja por um eventual aumento no volume de resgates na indústria. Carrego líquido atual do fundo: CDI + 0,41%a.a. (103,02% do CDI). Duration da carteira de crédito: 1,08 anos.

Iridium Pioneer

No mês de abril, o fundo obteve um retorno de +1,10% (100,63% do CDI), líquido de imposto para investidores PF. Nos últimos 12 meses, o fundo apresenta uma rentabilidade de +13,53% (91,27% do CDI), líquido de imposto para investidores PF. Em um mês marcado pela expressiva abertura dos spreads de crédito das debêntures incentivadas, o fundo Iridium Pioneer destacou-se no universo de fundos de infraestrutura ao apresentar um desempenho em linha com o seu benchmark. Contribuíram para o resultado: (i) o menor nível de hedge da carteira, que permitiu

capturar o carregamento mais elevado, além de se beneficiar do fechamento de curva observado ao longo de abril; e (ii) o desempenho, em geral, positivo da maior parte dos ativos da carteira, favorecido pelo prazo médio mais curto e pela menor correlação desses papéis com o mercado, o que mitigou os impactos da abertura de spreads (assim como, em períodos anteriores, também limitou ganhos mais expressivos). Segue a atribuição de performance: Títulos Públicos: +0,12%; Debêntures Lei 12.431: +1,08%; Outras Debêntures: 0,00%; Títulos Bancários: +0,03%; Outros Ativos: 0,00%; Hedge: -0,06%; e Custos: -0,07%.

Apesar do movimento de abertura de spreads ao longo do ano, a equipe de gestão segue adotando uma postura cautelosa nas novas alocações, priorizando, neste momento, ativos de prazo ultracurto, sobretudo para fazer frente aos vencimentos e amortizações observados no período. Carregamento líquido atual do fundo: CDI - 0,89%a.a. (93,35% do CDI). Duration da carteira de crédito: 3,70 anos.

Iridium Titan

No mês de abril, o fundo obteve um retorno de +1,37% (125,68% do CDI). Nos últimos 12 meses, o fundo apresenta uma rentabilidade de +14,00% (94,83% do CDI). Apesar do ambiente desafiador no mercado de crédito privado, o fundo apresentou, em abril, um desempenho acima de seu objetivo de retorno e dos seus concorrentes. O cenário, que já vinha pressionado em função das relevantes reestruturações anunciadas no início do ano, deteriorou-se adicionalmente ao longo do mês após o anúncio da postergação da divulgação das demonstrações financeiras da Aegea. Esse evento provocou uma abertura significativa dos spreads de crédito não apenas nos títulos da própria emissora, mas também em papéis de outros emissores percebidos como mais alavancados. Nesse contexto, a estratégia do fundo de manter uma elevada liquidez e uma carteira com prazo médio mais curto mostrou-se acertada. Segue a atribuição de performance: Títulos Públicos: +0,51%; Debêntures: +0,49%; FIDCs: +0,14%; Títulos Bancários: +0,15%; Outros Ativos: +0,02%; Hedge: 0,00%; e Custos: -0,05%.

A exposição à Aegea apresentou impacto limitado e a gestão aproveitou para aumentar a posição. Importante destacar que esse incremento não resultou em aumento da exposição ao emissor, uma vez que foi parcialmente compensado pela amortização de outra debênture de Aegea. Adicionalmente, foram ampliadas as exposições em Armac, a CDI + 3,2%, e em Hapvida, a CDI + 15,25%. No caso de Hapvida, destaca-se que as debêntures já passaram a negociar a taxas mais baixas, o que fez dessa posição um dos principais destaques de desempenho no mês. O fundo segue com nível elevado de liquidez e bem-posicionado para capturar oportunidades que

possam surgir. Carrego líquido atual do fundo: CDI + 0,74%a.a. (105,49% do CDI). Duration da carteira de crédito: 1,43 anos.

JP MORGAN

Global Bond Opportunities

No mês de abril, o Global Bond Opportunities apresentou retorno de 1,97%. O cenário global seguiu de crescimento abaixo da tendência, mas o choque geopolítico recente levou à redução significativa na probabilidade de expansão econômica e aumento do risco de contração. Em nossa avaliação, o balanço de riscos segue inclinado para um crescimento mais fraco, já que a capacidade da economia de absorver um período prolongado de preços elevados de energia é limitada, o que pode comprometer a demanda e pressionar os lucros corporativos.

O Federal Reserve manteve a taxa de juros inalterada, avaliando os impactos do conflito sobre inflação e emprego, e não considera alta de juros como cenário base para a próxima reunião. Um choque de petróleo liderado pela oferta pode, se prolongado, impactar negativamente a demanda final e eventualmente exigir cortes de juros. Diante desse ambiente, mantivemos postura ativa para aproveitar movimentos recentes do mercado, com preferência por oportunidades na parte curta das curvas de títulos públicos e por migrar para crédito de maior qualidade, uma vez que os spreads permanecem baixos em termos históricos.

Global Macro Opportunities

No mês de abril, o Global Macro Opportunities Fund FIC registrou uma performance de 2,35%, em linha com o movimento de recuperação dos mercados globais de ações, impulsionado pelo otimismo em torno de um possível cessar-fogo no Oriente Médio e pelo avanço dos resultados corporativos. Por outro lado, os mercados de renda fixa seguiram pressionados, refletindo os riscos inflacionários ainda presentes devido à persistência do choque de preços no setor de energia.

Entre os destaques positivos do mês, as posições compradas em empresas de computação em nuvem, fabricantes globais de semicondutores, industriais e empresas de energia renovável e infraestrutura elétrica contribuíram para a performance. Em contrapartida, posições vendidas em índices de ações dos EUA, Europa e emergentes, além da exposição comprada em empresas de software corporativo, impactaram negativamente o desempenho no período.

O cenário global segue resiliente, com o aumento da probabilidade de um desfecho mais benigno para o conflito no Oriente Médio sustentando o apetite por risco. Ainda assim, mantemos cautela

diante do elevado grau de incerteza e seguimos monitorando a persistência da inflação, especialmente se o choque de preços do setor de energia se prolongar.

Global Income

Em abril, o Global Income FIC teve uma rentabilidade de 4,44%. As alocações em ações globais, ações americanas e títulos High Yield americanos foram os maiores contribuidores para a performance, enquanto as posições em ações europeias e em títulos públicos americanos foram os maiores detratores. Além disso, este mês, aumentamos nossa exposição em ações de mercados emergentes e em caixa, enquanto reduzimos as posições em títulos High Yield americanos, ações globais e títulos de crédito Investment Grade globais.

KADIMA

Kadima II e Kadima High Vol

O Kadima II acumula uma rentabilidade desde o início de 463.35% (contra 448.23% do CDI). Nos últimos 12 meses, o fundo apresentou rentabilidade de 9.94% (contra 14.83% do CDI). Em 2026, o fundo acumula uma rentabilidade de 4.72% (contra 4.54% do CDI).

O Kadima High Vol FIC FIF Multimercado - RL acumula uma rentabilidade desde o início de 408.35% (contra 266.83% do CDI). Nos últimos 12 meses, o fundo apresentou rentabilidade de 10.61% (contra 14.83% do CDI). Em 2026, o fundo acumula uma rentabilidade de 5.83% (contra 4.54% do CDI).

Em abril, a principal contribuição positiva veio do modelo de alocação sistemática entre diferentes classes de ativos, em que as operações em NTN-Bs se destacaram positivamente. Além disso, com resultados marginalmente positivos, temos os modelos seguidores de curto prazo em dólar e em índice, assim como os modelos em FX na parcela internacional.

No lado negativo, o principal detrator de performance foram as operações em DI, tanto pelo modelo seguidor de tendências de longo prazo, como pelo modelo de curto prazo. Por fim, o modelo de contratendências em índice e o modelo de fatores long-short, em bolsa Brasil, e o modelo de juros internacionais, na parcela internacional, apresentaram perdas no mês.

Acreditamos no potencial da estratégia do fundo, composta por uma combinação de modelos matemáticos e estatísticos. Nossa área de pesquisa vem empenhando-se em desenvolver novos modelos e melhorias que contribuam para termos confiança na capacidade do fundo de gerar bons resultados no longo prazo.

Kadima Equities

O Kadima Equities FIC FIA acumula uma rentabilidade desde o início de 206.72% (contra 175.54% do Ibov.). Nos últimos 12 meses, o fundo apresentou rentabilidade de 19.79% (contra 38.69% do Ibov.). Em 2026, o fundo acumula uma rentabilidade de 7.85% (contra 16.26% do Ibov.).

O Kadima Equities é um fundo de ações long-only no qual o stock-picking é realizado através do modelo de fatores, que busca uma exposição sistemática ao mercado acionário brasileiro, possuindo como uma das principais características uma carteira de ações bastante pulverizada,

mitigando os riscos idiossincráticos das ações individuais. Esse modelo busca selecionar ações com base em determinadas características/ indicadores responsáveis por explicar, ao menos parcialmente, a diferença de retorno entre as ações no longo prazo.

Em abril, a carteira do modelo de fatores apresentou performance negativa de -0.80%, frente a -0.08% do Ibovespa. As cinco maiores posições compradas no fundo no fechamento do período eram BRSR6, JHSF3, RIAA3, PNVL3 e UGPA3, correspondendo a aproximadamente 28% do PL do fundo.

Seguimos confiantes na capacidade do fundo de gerar bons resultados, com exposição a fatores de risco que beneficiem o investidor no longo prazo.

KAPITALO

Kapitalo Kappa e Kapitalo Zeta

Em abril, o cenário global foi marcado pela persistência do choque de energia, seus impactos sobre inflação e atividade e pela postura cautelosa dos bancos centrais.

Nos EUA, o Fed manteve os juros e adotou comunicação mais dura, reduzindo a probabilidade de cortes no curto prazo. A atividade segue resiliente, com inflação acima da meta e riscos adicionais via petróleo. A indicação de Kevin Warsh reforça a incerteza sobre a condução futura da política.

Na Europa, o choque de energia elevou a inflação e aumentou o risco de persistência. A atividade perdeu força, e BCE e BoE mantêm viés mais restritivo, condicionado à evolução do choque.

Na China, o crescimento mais forte no início do ano permitiu leve aperto na orientação da política, reduzindo a necessidade de estímulos adicionais.

No Brasil, a atividade segue forte, com crédito e emprego acima do esperado e impulso adicional no curto prazo. A arrecadação permanece robusta, sem deterioração relevante. A inflação foi revisada para cima, e o BC mantém cortes graduais, atento às expectativas.

Na performance, posições em bolsa, commodities e juros contribuíram positivamente e moedas, negativamente.

Em juros, aumentamos posições aplicadas no Canadá, na Suécia e na Zona do Euro, além de posições em juros nominais e reais no Brasil. Abrimos posições tomadas nos Estados Unidos.

Em bolsa, mantivemos posições compradas e de valor relativo em ações brasileiras e posições compradas em ações globais.

Em moedas, aumentamos vendas no dólar americano e reduzimos compras no real brasileiro e no dólar canadense. Mantivemos posições vendidas no peso colombiano, no dólar australiano e no euro.

Em commodities, aumentamos posições compradas no petróleo e vendidas no café, mantivemos posições compradas no ouro e no cobre e posições vendidas no zinco.

Kapitalo K10

As hostilidades entre os EUA e o Irã seguem impactando os mercados. O cessar-fogo abriu caminho para uma saída diplomática do conflito, mas o processo de negociação tem sido lento e o programa nuclear do Irã é o principal impasse.

O governo dos EUA vem adotando medidas para aumentar a pressão sobre o regime e forçá-lo a ceder em temas sensíveis, mas há dúvidas sobre a eficácia dessa estratégia. A falta de avanço concreto nas negociações pode levar ao fim do cessar-fogo e o retorno à fase mais aguda do conflito.

O fluxo de petróleo no estreito de Ormuz segue próximo à zero e a pressão no mercado físico é crescente, aumentando a probabilidade de movimentos acentuados de preço.

Os BCs têm se mostrado mais preocupados com o aumento da inflação e endureceram o discurso. A manutenção do atual patamar do preço do petróleo pode levar à altas de juros em alguns países.

No Brasil, o BCB cortou novamente os juros em 0,25 e sinalizou que há um espaço adicional para cortes, mas o ritmo e a extensão do ciclo dependerão da evolução do cenário.

O fundo Kapitalo K10 obteve resultado positivo no mês. Os livros de juros, bolsa e commodities foram positivos.

Seguimos comprados em CLP e vendidos em THB, ambos contra o USD. Adicionamos compra de ZAR contra o USD e venda de euro contra o USD.

Mantivemos a venda de café, trigo e zinco e a compra de petróleo, diesel, ouro e alumínio. Adicionamos compra de cobre e de óleo de soja.

Seguimos comprados no setor de tecnologia nos EUA e na bolsa da Argentina e vendidos no índice de small caps dos EUA. Adicionamos compra da bolsa do Brasil.

Seguimos com posições aplicadas no Brasil, Suécia, México e Canadá.

Kapitalo Tarkus

Em abril, o cenário global foi marcado pela persistência do choque de energia, seus impactos sobre inflação e atividade e pela postura cautelosa dos bancos centrais.

Nos EUA, o Fed manteve os juros e reduziu a probabilidade de cortes no curto prazo. A atividade segue resiliente, com inflação acima da meta e riscos adicionais via petróleo. A indicação de

Kevin Warsh reforça a incerteza sobre a condução futura da política.

Na Europa, o choque de energia elevou a inflação e aumentou o risco de persistência. A atividade perdeu força, e BCE e BoE mantêm viés mais restritivo, condicionado à evolução do choque.

Na China, o crescimento mais forte no início do ano permitiu leve aperto na orientação da política, reduzindo a necessidade de estímulos adicionais.

No Brasil, a atividade segue forte, com crédito e emprego acima do esperado. A arrecadação permanece robusta, sem deterioração relevante. A inflação foi revisada para cima, e o BC mantém cortes graduais, atento às expectativas.

Quanto à performance, contribuíram positivamente as posições em mineração&siderurgia, transporte&logística e bens de capital; negativamente em utilidade pública, papel&celulose e petróleo&gás.

Mantivemos o foco nos casos em que possuímos maior convicção e empresas que apresentam resiliência de resultados. Estamos acima do peso do Ibovespa em Mineração & Siderurgia, Transporte & Logística, Papel & Celulose e Saúde. Estamos abaixo do peso do Ibovespa em Utilidade Pública, Bancos, Petróleo & Gás, Bens de Capital, Shoppings, Telecom, Serviços Financeiros, Tecnologia, Educação, Construção e Consumo. Exposição líquida: 92,29% do PL, comprado em 105,63% e vendido em 13,34%.

KINEA

Kinea Absoluto

Em abril, ganhamos em juros direcional e relativo no Brasil e, em renda fixa internacional; perdemos em juros caixa, enquanto inflação foi neutra e crédito ficou estável. Com petróleo nos níveis atuais, enxergamos Selic abaixo do que o mercado precifica, vemos assimetria a favor de quedas, apesar da volatilidade ligada ao Oriente Médio. No relativo, posições para desinclinação da curva performaram bem num ciclo mais longo; estamos encerrando esse tema. O caixa sofreu com a retomada de oferta de títulos do Tesouro Prefixado com Juros Semestrais, abrindo prêmios onde estávamos expostos. No crédito, o índice abriu 5 bps no mês e depois estabilizou; as taxas atuais já nos parecem atrativas para aumentar gradualmente em nomes de qualidade. Não tivemos exposição a emissores que entraram em processo de recuperação judicial.

No caixa, priorizamos liquidez e convexidade: posições em Tesouro Prefixados com Juros Semestrais; seguimos neutros nos Tesouro Prefixados e nos Tesouro IPCA. Em crédito, privilegiamos emissores locais de alta qualidade, calibrando o ritmo de alocação ao prêmio atual, com disciplina de liquidez e diversificação regional. No internacional, estamos aplicados em juros na Suécia e Nova Zelândia, e tomados no Chile. Em moedas, vendidos em moedas europeias, peso mexicano e comprados no real. Em Brasil, seguimos posicionados para juros mais baixos.

Kinea Chronos e Kinea Atlas

Em abril, o portfólio teve ganhos em ações, commodities e moedas; juros e inflação ficaram neutro. Em renda variável, a contribuição veio sobretudo de tecnologia e do ecossistema de infraestrutura para IA, com destaque para semicondutores e computação em nuvem, além de compras táticas no Brasil. Em commodities, proteções em energia e agrícolas funcionaram diante de pressões geopolíticas e risco de oferta. Em moedas, a apreciação de emergentes selecionadas sustentou o resultado. Para frente, esperamos volatilidade em juros com o tema petróleo/Irã, mas vemos espaço para cortes adicionais no Brasil; na Suécia e na Nova Zelândia, desemprego elevado e núcleos comportados sugerem alívio, enquanto o Chile segue pressionado pelo choque de energia.

Posicionamento atual: em juros, buscamos a queda da Selic e mantemos vieses para cortes na Suécia e, em menor escala, na Nova Zelândia; no Chile, carregamos posições para altas

adicionais. Em ações, temos exposição via opções na Nasdaq e a empresas de infraestrutura de IA (semicondutores, TSMC, cloud e nomes de eletrificação). No Brasil, comprados via opções em índices, além de posições setoriais em elétricas, saneamento, aeroespacial e distribuição de combustíveis. Em commodities, comprados em petróleo (futuros e opções), milho e açúcar. Em moedas, comprados em real e vendidos em moedas europeias e no peso mexicano.

Kinea Gama

Em abril, os fundos apresentaram um retorno marginalmente abaixo do Ibovespa. A subalocação no cluster de Óleo & Gás, especialmente em Petrobras, contribuiu negativamente em abril com a alta de 9% do Brent. A segunda quinzena foi mais desafiadora, com o IPCA-15 acima do esperado, o impasse nas negociações com o Irã e o início do ruído eleitoral pesando em nomes mais sensíveis a juros longos. Alguns poucos nomes domésticos que carregamos sofreram com isso em abril e também contribuíram negativamente. Para frente, monitoramos: IPCA de abril e seus impactos sobre o ritmo de cortes do Copom; a evolução das negociações EUA–Irã e a normalização do Estreito de Ormuz; a temporada de resultados do 1T26; e o avanço do calendário eleitoral.

O posicionamento atual está marcado por subalocação em Óleo & Gás, especialmente em Petrobras, e por exposição a alguns poucos nomes domésticos, que se mostraram mais sensíveis à abertura de juros longos e ao aumento do ruído eleitoral.

LEGACY

Legacy FIM

O resultado positivo foi, em grande parte, concentrado nos livros com posições otimistas em equities global. As estratégias de moedas e commodities também contribuíram positivamente para o resultado do mês. O cenário global segue dependente da reabertura do Estreito de Ormuz, condicionada a um acordo nuclear entre EUA e Irã. O fechamento retirou cerca de 15 milhões de barris por dia da oferta, elevou o petróleo a US\$ 105 e mantém risco de novas altas caso os estoques se esgotem. No cenário benigno, a reabertura permitiria normalização da produção em três a seis meses, com petróleo recuando gradualmente e efeitos inflacionários transitórios. Nos EUA, o FED deve evitar alta de juros, enquanto o BCE pode fazer ajuste moderado. No Brasil, o choque elevou projeções de inflação, embora a atividade siga resiliente. O BCB reforçou cautela e deve manter cortes de 25 pontos-base, salvo nova deterioração do petróleo. A curva de juros passou a seguir quase diretamente o petróleo em reais. No campo eleitoral, houve poucas mudanças, com empate técnico entre Lula e Flávio Bolsonaro, governo fragilizado e oposição buscando moderação.

Mantivemos um nível de risco menor ao longo do mês de Abril enquanto atravessamos esse cenário de maior volatilidade. A dinâmica do petróleo segue tendo efeito preponderante sobre os preços dos ativos, sobretudo, das curvas de juros, o que nos torna mais cautelosos na adoção de posições mais significativas em nossos livros. Diante de um cenário que é, por natureza, binário, seguimos mantendo a preferência por exposições em empresas e índices de maior qualidade, combinadas a posições em moedas que tendem a se beneficiar de preços mais elevados de commodities e de um ambiente de juros mais altos.

NOVUS

Novus Macro

O Novus Macro apresentou resultado de 0,52% no mês, com perdas em commodities, renda fixa e renda variável. No cenário internacional, o mês de abril foi marcado pela evolução do conflito entre EUA e Irã, que dominou o noticiário e condicionou as decisões de política monetária globais. Após ameaças de escalada, um cessar-fogo foi mediado com violações recorrentes e fluxo reduzido no estreito de Ormuz, com negociações avançando sem confirmação de acordo. Os dados de inflação nos EUA indicaram núcleos comportados, e o PIB do primeiro trimestre veio com consumo moderado e forte investimento em tecnologia. Fed, ECB e BoE mantiveram os juros inalterados, em postura de espera diante das incertezas geopolíticas e do risco inflacionário, mas com claro viés de elevação das taxas se mantidas as condições atuais do petróleo. No Brasil, o Copom cortou a Selic em 25 bps e sinalizou ciclo menor que o previsto, com inflação pressionada – inclusive já refletindo os efeitos da alta do petróleo. O mercado de trabalho e a atividade seguiram robustos. No campo político, a rejeição de Jorge Messias ao STF sinalizou dificuldades de articulação do governo, e avançaram propostas de redução de tributos sobre combustíveis, renegociação de dívidas e fim da escala 6x1. Pesquisas seguiram mostrando progresso de Flávio Bolsonaro sobre Lula.

No exterior, estamos apenas com pequena venda de S&P 500. No Brasil, mantivemos posição aplicada em juro real via DAP, e compra de alguns papéis.

Novus Institucional

O Novus Institucional apresentou resultado de 0,54% no mês, com perdas em renda variável e renda fixa. No cenário internacional, o mês de abril foi marcado pela evolução do conflito entre EUA e Irã, que dominou o noticiário e condicionou as decisões de política monetária globais. Após ameaças de escalada, um cessar-fogo foi mediado com violações recorrentes e fluxo reduzido no estreito de Ormuz, com negociações avançando sem confirmação de acordo. Os dados de inflação nos EUA indicaram núcleos comportados, e o PIB do primeiro trimestre veio com consumo moderado e forte investimento em tecnologia. Fed, ECB e BoE mantiveram os juros inalterados, em postura de espera diante das incertezas geopolíticas e do risco inflacionário, mas com claro viés de elevação das taxas se mantidas as condições atuais do petróleo. No Brasil, o Copom cortou a Selic em 25 bps e sinalizou ciclo menor que o previsto,

com inflação pressionada – inclusive já refletindo os efeitos da alta do petróleo. O mercado de trabalho e a atividade seguiram robustos. No campo político, a rejeição de Jorge Messias ao STF sinalizou dificuldades de articulação do governo, e avançaram propostas de redução de tributos sobre combustíveis, renegociação de dívidas e fim da escala 6x1. Pesquisas seguiram mostrando progresso de Flávio Bolsonaro sobre Lula.

No exterior, estamos sem posição no momento. No Brasil, temos pequena compra de alguns papéis.

OCCAM

Occam Retorno absoluto

O fechamento do Estreito de Ormuz coloca em xeque o forte crescimento global. Os principais BCs mantiveram as taxas de juros inalteradas, mas com diferentes graus de tolerância para permanecer em compasso de espera. O Copom cortou novamente a taxa em 25bps, e manteve um discurso cauteloso sinalizando que seus próximos movimentos dependerão da evolução dos dados econômicos. Vimos no mês um arrefecimento relevante na volatilidade da RF global, o que permitiu maior diferenciação entre mercados e ativos. Nas bolsas, vimos certa reversão da tendência dos primeiros meses do ano, com valorização expressiva das bolsas americanas (S&P +9,3% e Nasdaq +14,5%). O Ibov operou perto da estabilidade (-0,6%).

Retomamos taticamente posições tomadas na parte longa da curva americana e na parte curta da curva chilena. No BR, voltamos a aplicar juros nominais na parte intermediária da curva. Iniciamos uma estratégia de inclinação da curva local, por entendermos que os prêmios de risco atuais oferecem uma assimetria atrativa, dado o estágio do ciclo de cortes de juros no Brasil. Em RV, as posições externas de tech foram o grande destaque positivo dos fundos. No Brasil, não temos posições relevantes nos segmentos de consumo e imobiliário, e continuamos a preferir os setores financeiro e elétrico. Com muitas incertezas, mantivemos altos níveis de hedge e focados na geração de Alpha.

Occam Institucional II

O Copom cortou novamente a taxa em 25bps, e manteve um discurso cauteloso sinalizando que seus próximos movimentos dependerão da evolução dos dados econômicos. Vimos no mês um arrefecimento relevante na volatilidade da RF global, o que permitiu maior diferenciação entre mercados e ativos. Nas bolsas, vimos certa reversão da tendência dos primeiros meses do ano, com valorização expressiva das bolsas americanas (S&P +9,3% e Nasdaq +14,5%). O Ibov operou perto da estabilidade (-0,6%).

Retomamos taticamente posições tomadas na parte longa da curva americana e na parte curta da curva chilena. No BR, voltamos a aplicar juros nominais na parte intermediária da curva. Iniciamos uma estratégia de inclinação da curva local, por entendermos que os prêmios de risco atuais oferecem uma assimetria atrativa, dado o estágio do ciclo de cortes de juros no Brasil. Em RV, não temos posições relevantes nos segmentos de consumo e imobiliário, e continuamos a

preferir os setores financeiro e elétrico. Com muitas incertezas, mantivemos altos níveis de hedge e focados na geração de Alpha.

Occam Ações

O Copom cortou novamente a taxa em 25bps, e manteve um discurso cauteloso sinalizando que seus próximos movimentos dependerão da evolução dos dados econômicos. Nas bolsas, vimos certa reversão da tendência dos primeiros meses do ano, com valorização expressiva das bolsas americanas (S&P +9,3% e Nasdaq +14,5%). O Ibov operou perto da estabilidade (-0,6%).

Não temos posições relevantes nos segmentos de consumo e imobiliário, e continuamos a preferir os setores financeiro e elétrico. Com muitas incertezas, mantivemos altos níveis de hedge e focados na geração de Alpha.

Occam Long Biased e Occam L&S

O fechamento do Estreito de Ormuz coloca em xeque o forte crescimento global. Os principais BCs mantiveram as taxas de juros inalteradas, mas com diferentes graus de tolerância para permanecer em compasso de espera. O Copom cortou novamente a taxa em 25bps, e manteve um discurso cauteloso sinalizando que seus próximos movimentos dependerão da evolução dos dados econômicos. Nas bolsas, vimos certa reversão da tendência dos primeiros meses do ano, com valorização expressiva das bolsas americanas (S&P +9,3% e Nasdaq +14,5%). O Ibov operou perto da estabilidade (-0,6%).

As posições externas de tech foram o grande destaque positivo dos fundos. No Brasil, não temos posições relevantes nos segmentos de consumo e imobiliário, e continuamos a preferir os setores financeiro e elétrico. Com muitas incertezas, mantivemos altos níveis de hedge e focados na geração de Alpha.

Occam Liquidez e Occam Crédito Corporativo 30

No mercado de debêntures tradicionais, apesar da abertura de 1bp do IDA-DI, observamos maior apetite dos alocadores e fechamento de spreads na última quinzena de abril, o que trouxe uma recuperação para o retorno dos fundos, que fecharam o mês mais próximos do CDI. O mercado de crédito apresenta um pipeline de emissões primárias restrito, tanto no segmento indexado ao CDI quanto no de infraestrutura, decorrente da antecipação de captações pelos emissores frente à volatilidade do ano eleitoral. Esse movimento, somado à menor atratividade em acessar o mercado nos atuais patamares de preço, configura um quadro de oferta escassa que atua como

vetor para compressão dos spreads.

Seguimos atentos às oportunidades e acreditamos que os preços estão atrativos para realizarmos alocações de forma a manter o carregamento médio da carteira mais elevado. Ao longo do mês de abril, aumentamos as posições nos fundos CDI.

Ocam Infra Ativo

Abril foi mais um mês de realizações de preços no mercado de debêntures incentivadas. O IDA-INFRA abriu 39 bps, encerrando o mês a NTN-B + 45 bps, o que representa retornos mais pressionados dos fundos de infra, dada a duração mais longa dos ativos. A maior explicação para essa abertura foram os pedidos de resgate dos fundos, que aceleraram com a performance abaixo do CDI desde fevereiro. Entendemos que o patamar atual de preços é atrativo para investidores com perfil de longo prazo dada a isenção tributária.

Seguimos atentos às oportunidades e acreditamos que os preços estão atrativos para realizarmos alocações de forma a manter o carregamento médio da carteira mais elevado. Ao longo do mês de abril, aumentamos as posições nos fundos CDI. Retomamos taticamente posições tomadas na parte longa da curva americana e na parte curta da curva chilena. No BR, voltamos a aplicar juros nominais na parte intermediária da curva. Iniciamos uma estratégia de inclinação da curva local, por entendermos que os prêmios de risco atuais oferecem uma assimetria atrativa, dado o estágio do ciclo de cortes de juros no Brasil.

PLURAL

Plural YieldNo mês de abril, a performance ficou abaixo do CDI. No ano e na janela de 12 meses, o fundo terminou abaixo do índice. O resultado obtido é devido uma abertura nos spreads de crédito. Na primeira quinzena do mês dois vetores influenciaram o movimento, os fatores externos adversos, que elevaram o risco dos ativos globais, e uma sequência de eventos de estresse, aumentando a exigência por prêmio nesta classe de ativos. Ainda assim, na segunda quinzena do mês, observamos uma melhora do mercado, com o arrefecimento do conflito externo e dos eventos de crédito, levando a uma estabilização de preços, principalmente nos papéis high grade e triple A. A temporada de resultados referente ao 1T26 teve início no final do mês, seguimos cautelosos e acompanhando ativamente as companhias investidas.

No cenário nacional, o principal vetor seguiu sendo o conflito entre os EUA e o Irã, que continuou impactando os preços de commodities, revertendo a trajetória de desaceleração da inflação vista no início do ano. O IPCA de março registrou alta de 0,88%, frente uma expectativa do mercado de 0,77 p.p., 0,18 p.p. maior em relação a fevereiro, impulsionado principalmente pela gasolina e pelo diesel. O resultado elevou o acumulado em 12 meses de 3,81% para 4,14%, voltando a se aproximar do limite superior da meta. Diante desse cenário, o Copom realizou seu segundo corte consecutivo de 25 bps na reunião de 29 de abril, levando a Selic a 14,5% ao ano, mas sinalizou cautela adicional, revisando sua projeção de inflação para 2026 de 3,9% para 4,6%. No cenário externo, a intensificação do conflito no Oriente Médio segue pressionando o petróleo e alimentando riscos inflacionários globais, o que demanda atenção redobrada de economias emergentes como o Brasil.

Em relação ao mercado primário, no mês de abril, não entramos em novas emissões, nos mantendo seletivos. Estamos direcionando esforços para identificar novas oportunidades no mercado que estejam em linha com o perfil de risco de cada estratégia, visto que os spreads se encontram em patamares mais atrativosO fundo encontra-se alocado em 10,42% em ativos de crédito privado indexados ao CDI (1,49% em debêntures e 8,93% em LFs/CDBs) e 89,58% em caixa.

A duration do portfólio é de 1,30 ano e da parcela alocada em crédito privado é de 0,72 ano.

Plural Crédito Corporativo IINo mês de abril, a performance ficou abaixo do CDI. No ano e na janela de 12 meses, o fundo terminou abaixo do índice. O resultado obtido é devido uma abertura

nos spreads de crédito. Na primeira quinzena do mês dois vetores influenciaram o movimento, os fatores externos adversos, que elevaram o risco dos ativos globais, e uma sequência de eventos de estresse, aumentando a exigência por prêmio nesta classe de ativos. Ainda assim, na segunda quinzena do mês, observamos uma melhora do mercado, com o arrefecimento do conflito externo e dos eventos de crédito, levando a uma estabilização de preços, principalmente nos papéis high grade e triple A. A temporada de resultados referente ao 1T26 teve início no final do mês, seguimos cautelosos e acompanhando ativamente as companhias investidas.

No cenário nacional, o principal vetor seguiu sendo o conflito entre os EUA e o Irã, que continuou impactando os preços de commodities, revertendo a trajetória de desaceleração da inflação vista no início do ano. O IPCA de março registrou alta de 0,88%, frente uma expectativa do mercado de 0,77 p.p., 0,18 p.p. maior em relação a fevereiro, impulsionado principalmente pela gasolina e pelo diesel. O resultado elevou o acumulado em 12 meses de 3,81% para 4,14%, voltando a se aproximar do limite superior da meta. Diante desse cenário, o Copom realizou seu segundo corte consecutivo de 25 bps na reunião de 29 de abril, levando a Selic a 14,5% ao ano, mas sinalizou cautela adicional, revisando sua projeção de inflação para 2026 de 3,9% para 4,6%. No cenário externo, a intensificação do conflito no Oriente Médio segue pressionando o petróleo e alimentando riscos inflacionários globais, o que demanda atenção redobrada de economias emergentes como o Brasil.

Em relação ao mercado primário, no mês de abril, não entramos em novas emissões, nos mantendo seletivos. Estamos direcionando esforços para identificar novas oportunidades no mercado que estejam em linha com o perfil de risco de cada estratégia, visto que os spreads se encontram em patamares mais atrativos. O fundo encontra-se alocado em 77,95% em ativos de crédito privado indexados ao CDI (54,09% em debêntures e 23,86% em LFs/CDBs) e 22,05% em caixa.

A duration do portfólio é de 1,62 ano e da parcela alocada em crédito privado é de 2,07 ano.

Plural Debêntures Incentivadas 30 No mês de abril a performance foi abaixo do CDI. No ano e na janela de 12 meses, o fundo terminou abaixo do índice. O resultado é explicado devido uma abertura significativa nos spreads de crédito frente um fechamento menos acentuado na curva das Bs. O resultado é explicado por uma abertura significativa nos spreads de crédito frente a um fechamento menos acentuado na curva das Bs. No mês, observamos um menor fluxo comprador para a classe, trazendo maior equilíbrio entre as pontas compradora e vendedora e levando os spreads a patamares mais atrativos, revertendo o movimento visto no início do ano. Em

contrapartida, as taxas das Bs fecharam, sustentado por uma perspectiva mais otimista para o segundo semestre e pelo arrefecimento das tensões no conflito externo, movimento do qual conseguimos nos beneficiar por meio da redução do hedge parcial do fundo. A temporada de resultados referente ao 1T26 teve início no final do mês, seguimos cautelosos e acompanhando ativamente as investidas

No cenário nacional, o principal vetor seguiu sendo o conflito entre os EUA e o Irã, que continuou impactando os preços de commodities, revertendo a trajetória de desaceleração da inflação vista no início do ano. O IPCA de março registrou alta de 0,88%, frente uma expectativa do mercado de 0,77 p.p., 0,18 p.p. maior em relação a fevereiro, impulsionado principalmente pela gasolina e pelo diesel. O resultado elevou o acumulado em 12 meses de 3,81% para 4,14%, voltando a se aproximar do limite superior da meta. Diante desse cenário, o Copom realizou seu segundo corte consecutivo de 25 bps na reunião de 29 de abril, levando a Selic a 14,5% ao ano, mas sinalizou cautela adicional, revisando sua projeção de inflação para 2026 de 3,9% para 4,6%. No cenário externo, a intensificação do conflito no Oriente Médio segue pressionando o petróleo e alimentando riscos inflacionários globais, o que demanda atenção redobrada de economias emergentes como o Brasil.

Em relação ao mercado primário, no mês de abril, não entramos em novas emissões, nos mantendo seletivos. Estamos direcionando esforços para identificar novas oportunidades no mercado que estejam em linha com o perfil de risco de cada estratégia, visto que os spreads se encontram em patamares mais atrativos

O fundo encontra-se atualmente alocado em 98,27% em ativos de crédito privado (90,57% em debêntures incentivadas, 6,02% em debêntures, 1,57% em ETF e 0,11% em LFs) e 1,73% em caixa. A parcela em IPCA está no momento com 40,35% de hedge, nos DAPs com vencimento em 2026, 27, 28, 29, 30, 32, 33, 35 e 40, diminuindo o risco de mercado dessa exposição.

A duration do portfólio é de 3,96 anos e da parcela alocada em crédito privado é de 3,67 anos.

Plural Debêntures Incentivadas Hedge 30

No mês de abril a performance foi abaixo do CDI. No ano e na janela de 12 meses, o fundo terminou abaixo do índice. O resultado obtido é explicado por uma abertura nos spreads de crédito. Com este movimento observado no mês, os níveis voltaram a ficar mais atrativos. Em termos de preço, já observamos uma boa estabilização nos ativos high grade e triple A, com as pontas compradora e vendedora chegando a um equilíbrio após um período de menor fluxo

comprador para a classe. De forma geral, o carregamento segue mais atrativo no crédito e a perspectiva para o segundo semestre é mais otimista. A temporada de resultados referente ao 1T26 teve início no final do mês, seguimos cautelosos e acompanhando ativamente as investidas

No cenário nacional, o principal vetor seguiu sendo o conflito entre os EUA e o Irã, que continuou impactando os preços de commodities, revertendo a trajetória de desaceleração da inflação vista no início do ano. O IPCA de março registrou alta de 0,88%, frente uma expectativa do mercado de 0,77 p.p., 0,18 p.p. maior em relação a fevereiro, impulsionado principalmente pela gasolina e pelo diesel. O resultado elevou o acumulado em 12 meses de 3,81% para 4,14%, voltando a se aproximar do limite superior da meta. Diante desse cenário, o Copom realizou seu segundo corte consecutivo de 25 bps na reunião de 29 de abril, levando a Selic a 14,5% ao ano, mas sinalizou cautela adicional, revisando sua projeção de inflação para 2026 de 3,9% para 4,6%. No cenário externo, a intensificação do conflito no Oriente Médio segue pressionando o petróleo e alimentando riscos inflacionários globais, o que demanda atenção redobrada de economias emergentes como o Brasil.

Em relação ao mercado primário, no mês de abril, não entramos em novas emissões, nos mantendo seletivos. Estamos direcionando esforços para identificar novas oportunidades no mercado que estejam em linha com o perfil de risco de cada estratégia, visto que os spreads se encontram em patamares mais atrativos

O fundo encontra-se atualmente alocado em 98,23% em ativos de crédito privado (89,22% em debêntures incentivadas, 7,08% em debêntures, 1,50% em ETF e 0,43% em LFs) e 1,77% em caixa. A parcela em IPCA está no momento com 99,58% de hedge, nos DAPs com vencimento em 2026, 27, 28, 29, 30, 32, 33 e 35, diminuindo o risco de mercado dessa exposição.

A duration do portfólio é de 3,55 anos e da parcela alocada em crédito privado é de 3,65 anos.

Plural High Grade FIRC CPNo mês de abril, a performance ficou abaixo do CDI. No ano e na janela de 12 meses, o fundo terminou abaixo do índice. O resultado obtido é devido uma abertura nos spreads de crédito. Na primeira quinzena do mês dois vetores influenciaram o movimento, os fatores externos adversos, que elevaram o risco dos ativos globais, e uma sequência de eventos de estresse, aumentando a exigência por prêmio nesta classe de ativos. Ainda assim, na segunda quinzena do mês, observamos uma melhora do mercado, com o arrefecimento do conflito externo e dos eventos de crédito, levando a uma estabilização de preços, principalmente

nos papéis high grade e triple A. A temporada de resultados referente ao 1T26 teve início no final do mês, seguimos cautelosos e acompanhando ativamente as companhias investidas.

No cenário nacional, o principal vetor seguiu sendo o conflito entre os EUA e o Irã, que continuou impactando os preços de commodities, revertendo a trajetória de desaceleração da inflação vista no início do ano. O IPCA de março registrou alta de 0,88%, frente uma expectativa do mercado de 0,77 p.p., 0,18 p.p. maior em relação a fevereiro, impulsionado principalmente pela gasolina e pelo diesel. O resultado elevou o acumulado em 12 meses de 3,81% para 4,14%, voltando a se aproximar do limite superior da meta. Diante desse cenário, o Copom realizou seu segundo corte consecutivo de 25 bps na reunião de 29 de abril, levando a Selic a 14,5% ao ano, mas sinalizou cautela adicional, revisando sua projeção de inflação para 2026 de 3,9% para 4,6%. No cenário externo, a intensificação do conflito no Oriente Médio segue pressionando o petróleo e alimentando riscos inflacionários globais, o que demanda atenção redobrada de economias emergentes como o Brasil.

Em relação ao mercado primário, no mês de abril, não entramos em novas emissões, nos mantendo seletivos. Estamos direcionando esforços para identificar novas oportunidades no mercado que estejam em linha com o perfil de risco de cada estratégia, visto que os spreads se encontram em patamares mais atrativos

O fundo encontra-se atualmente alocado em 55,22% em ativos de crédito privado indexados ao CDI (31,00% em debêntures e 24,22% em LFs/CDBs) e 44,78% em caixa.

A duration do portfólio é de 1,29 ano e da parcela alocada em crédito privado é de 1,48 ano.

QUANTITAS

Quantitas Galápagos

Rentabilidade do fundo no mês: 1,22%. Em juros nominais, aproveitamos a descompressão de prêmios na metade do mês e reduzimos as exposições vendidas no curto. No final do mês, conforme as tensões de guerra voltaram a impactar o cenário de juros local, voltamos a montar estruturas vendidas no trecho curto, no qual observamos uma boa assimetria nos níveis atuais. Em juros reais direcionais, mantivemos a posição aplicada no trecho médio/longo da curva. Em juros reais de valor relativo, seguimos reduzindo posições que atingiram nosso target de resultado. Em inflação, estamos sem exposição relevante. Em linhas gerais, mantivemos uma dinâmica de posicionamento mais tático, diante do ambiente mais incerto, com a guerra.

Quantitas Mallorca

Rentabilidade do fundo no mês: 0,89%. Mantivemos a exposição neutra em bolsa local, com posições de valor relativo entre uma carteira de ações (sendo SUZB3 a maior exposição) vs Ibovespa. Seguimos sem exposições relevantes em moedas e em bolsas no exterior. Em juros nominais, aproveitamos a descompressão de prêmios na metade do mês e reduzimos as exposições vendidas no curto. No final do mês, conforme as tensões de guerra voltaram a impactar o cenário de juros local, voltamos a montar estruturas vendidas no trecho curto, no qual observamos uma boa assimetria nos níveis atuais. Em juros reais direcionais, mantivemos a posição aplicada no trecho médio/longo da curva. Em juros reais de valor relativo, seguimos reduzindo posições que atingiram nosso target de resultado. Em inflação, estamos sem exposição relevante. Em linhas gerais, mantivemos uma dinâmica de posicionamento mais tático, diante do ambiente mais incerto, com a guerra.

Quantitas Montecristo

O Quantitas FIFA Montecristo apresentou queda de 0,78% em abril de 2026, resultado de 0,7pp abaixo do Ibovespa no mês, que caiu 0,08%. Em 12 meses o fundo apresenta alta de 14,5%, ante alta de 38,7% do Ibovespa no período.

Nos últimos 36 meses, o Montecristo acumula alta de 48,9%, ante alta de 79,4% do Ibovespa no mesmo período.

Ao longo do mês de abril tivemos alguns ativos do fundo com valorização destacada, como

Hapvida (+22,7%), Axia (+7,0%), Três Tentos (+5,0%) e Equatorial (+3,8%). Por outro lado, as quedas de Suzano (-15,5%), SBF (-10,3%), Randon (-4,3%) e Rumo (-3,2%) foram as que mais impactaram negativamente o desempenho do fundo no período.

Em abril, voltamos a consumir parte do caixa acumulado nos últimos meses, com aquisições principalmente de Equatorial, Hapvida, Rumo e Suzano. Reduzimos, no período, principalmente as posições em Banco do Brasil e Axia. Além disso, trocamos nossa exposição em Itaúsa por ações do Itaú.

REAL INVESTOR

Real Investor Ações

O Real Investor FIC FIF Ações - RL registrou queda de 4,21% no mês, contra 0,08% do Ibovespa, e acumula 2,20% no ano, frente a 16,26% do índice. Desde o início (2012), acumulamos 664,5%, versus 184,6% do Ibovespa.

Os principais detratores foram Real Estate (-1,2%), Consumo e Varejo (-1,0%) e Commodities (-0,7%). Com o fluxo estrangeiro forte no ano, somado a guerra no Irã, vimos uma concentração de altas do Ibovespa em poucos ativos de grande peso. Nossa exposição maior a setores domésticos e mid-small caps explica o desempenho inferior no período. Seguimos confiantes nos fundamentos de longo prazo das empresas, que negociam a valuations atrativos e possuem balanços sólidos, com expetativas de seguirem entregando bons resultados.

Dentre as maiores exposições da carteira destacamos os setores: Financeiro, Real Estate e Commodities. Não fizemos mudanças relevantes na carteira durante o mês de abril.

Continuamos confiantes nos fundamentos das empresas que somos sócios. Reforçamos que possuímos um portfólio adequadamente diversificado, de empresas com bons fundamentos, preços atrativos e perspectivas favoráveis para entregarem bons retornos no médio e longo prazo, superando o benchmark.

Real Investor FIM

O Real Investor FIC FIF Multimercado - RL registrou queda de -2,41% no mês, versus 1,09% do CDI. Desde o início (2018), o fundo acumula 184,1%, versus 103,6% do CDI (178% do CDI).

No mês, o resultado da nossa carteira long foi inferior ao da carteira short (ie. Ibovespa), o que explica o alpha negativo. Com o fluxo estrangeiro forte no ano, somado a guerra no Irã, vimos uma concentração de altas do Ibovespa em poucos ativos de grande peso. Nossa exposição maior a setores domésticos e mid-small caps explica o desempenho inferior no período. Seguimos confiantes nos fundamentos de longo prazo das empresas, que negociam a valuations atrativos e possuem balanços sólidos, com expetativas de seguirem entregando bons resultados.

Seguimos otimistas com a nossa carteira long com exposição direcional próxima a 5%.

Reforçamos que possuímos um portfólio adequadamente diversificado, de empresas com bons fundamentos, preços atrativos e perspectivas favoráveis para entregarem bons retornos no médio e longo prazo, superando a nossa carteira short no longo prazo. Além de contar com o carrego da renda fixa.

SOLIS

Solis Antares Light

O Light terminou o mês de abril com boa rentabilidade e patrimônio de R\$ 998 milhões, 7% a mais se comparado ao mês anterior. Ao todo, foram comprados R\$ 110 milhões em cotas de FIDCs, com carrego médio de CDI+3,72%, sempre em cotas seniores. A posição de caixa está em 11,3%, representando uma redução relevante em relação ao fechamento anterior.

O foco da gestão continua sendo identificar ativos com boa relação risco x retorno, aliando prêmios consistentes, qualidade do crédito e estrutura de capital robusta. O pipeline de oportunidades que a Solis vem desenvolvendo nos permite acreditar em uma otimização ainda maior da carteira nos próximos meses, o que deve favorecer o desempenho do Light.

Em relação à qualidade do crédito, a carteira dos FIDCs investidos segue saudável, com níveis confortáveis de inadimplência e retorno consistente das cotas subordinadas.

A carteira do Light finalizou o mês com 78 FIDCs, 3 a menos na comparação com o mês anterior. As séries investidas somavam 155, 1 a mais na comparação mensal, indicando que as aquisições foram efetivadas na sua maioria em FIDCs e séries já investidos.

A alocação nos FIDCs de multicedentes multisacados seguiu concentrando a maior participação da carteira, com 42,9% do portfólio. A segunda maior alocação manteve-se com os fundos de consignado público, com participação de 26,3% na carteira do Light. Os ativos liquidáveis até o prazo de resgate do fundo representavam 25,7%, reforçando a diligência de nossos processos em manter uma posição confortável de liquidez.

SPX

SPX Nimitz

No mercado de juros desenvolvidos, estamos com posições de curva, com exposição direcional limitada. No book de juros Brasil, estamos com posições de valor relativo, com viés para desinclinação da curva de juros nominal. Nos mercados de moedas temos posições relativas entre moedas de países emergentes e desenvolvidos. No book de ações, estamos sem posições direcionais relevantes, seguimos com posições relativas.

No mês de abril, o SPX Nimitz apresentou um retorno de +1,52%, enquanto o seu benchmark, CDI, obteve o retorno de +1,09% no mesmo período. Dessa forma, o fundo alcançou rentabilidade acumulada de -0,44% no ano, comparado à rentabilidade do CDI de +4,54%. As contribuições positivas para o fundo no mês vieram das alocações em ações, juros e crédito. Já as alocações em moedas contribuíram negativamente, enquanto as posições em commodities tiveram contribuição neutra.

SPX Patriot

No mês de abril, o SPX Patriot apresentou um retorno de -0,07%, enquanto o IBX obteve um retorno de -0,13%. Dessa forma, o fundo alcançou rentabilidade acumulada de +9,24% no ano, comparado à rentabilidade do IBX de +16,40%. No mês, as principais contribuições positivas para a performance do fundo vieram dos setores de Utilities e Shopping & Properties, enquanto as principais contribuições negativas vieram das posições do book de ações no exterior e Serviços Financeiros.

Ao longo de abril, rodamos com exposição à bolsa brasileira próxima ao nível neutro. Os principais aumentos foram nos setores de Óleo e Gás. As principais reduções foram nos setores de Utilities, Logística, Shoppings, Distribuição de Combustíveis.

SPX Falcon

No mês de abril, o SPX Falcon, fundo de ações long bias com mandato flexível de exposição à bolsa que busca ganhos de capital no longo prazo, apresentou um retorno de +1,66%, enquanto o seu benchmark, IPCA +Yield IMA-B, obteve o retorno de +1,34% e o índice IBX de -0,13%. Dessa forma, o fundo alcançou rentabilidade acumulada de +7,10% no ano, comparado à rentabilidade do IPCA+IMA- B de +4,93% e do índice IBX de +16,40%. No mês, as principais contribuições

positivas para a performance do fundo vieram do setor de Utilities e Consumo Básico, enquanto as principais contribuições negativas vieram das posições do book de ações no exterior e Serviços Financeiros.

Abrimos uma pequena exposição direcional vendida no exterior. Além disso, temos posições relativas, compradas em empresas na América Latina contra as bolsas dos Estados Unidos e Europa.

SPX Seahawk

No mês, o SPX Seahawk, fundo long-only high grade dedicado ao mercado local, apresentou rentabilidade de +1,10%, comparado à rentabilidade do CDI de +1,09%. Dessa forma, o fundo alcançou rentabilidade acumulada de +3,12% no ano, comparado à rentabilidade do CDI de +4,54%. Terminamos o mês com R\$ 3,9 bilhões de patrimônio líquido e o prazo médio (duration) da carteira é de 2,6 anos.

Nos fundos de crédito da SPX, as principais contribuições positivas no mercado local vieram de alocações no setor de Saúde e de Consumo Não-Cíclico. Enquanto o setor de Utilities foi o principal detrator. Em março analisamos aproximadamente R\$7 bilhões em emissões institucionais e incentivadas, sem realizar alocações no mercado primário.

STK

STK Long Biased

O STK Long Biased FIC FIA teve um desempenho de 5.28% contra -0.08% do Ibovespa. Em termos setoriais, as principais contribuições positivas vieram dos setores de Tecnologia e Elétrico/Saneamento. Do lado negativo, os únicos detratores foram os setores Industrial e de Saúde. As principais contribuições positivas para a carteira no mês foram: Amazon e Alphabet (Google). Do lado negativo, os destaques foram: Smart Fit e Localiza.

O fundo fechou o mês com uma exposição bruta de 114.7% e líquida de 74.4%. Por estratégia fechamos o mês com a seguinte composição: Long Brasil: 54.2%, Long Global: 32.1%, Short: 5.5%, Hedge: 6.7% e Valor Relativo: 16.1%. Do ponto de vista setorial, os maiores destaques na alocação são: Serviços Financeiros 21.1%, Elétrico/Saneamento 20.8% e Tecnologia 18.5%.

STUDIO

Studio 15, Studio 30 e Studio Institucional

Encerramos o mês com uma exposição líquida de 93,4% em torno de 1,6% acima do mês anterior. As principais posições da carteira são Equatorial, Localiza, BTG Pactual, NU e Rede D'Or com as 10 maiores representando cerca de 59% da exposição do portfólio. Os principais setores são: Energia Elétrica, Financeiro, Consumo, Transporte e Serviços. Nesse contexto, os principais impactos positivos vieram de BPAC, ENEV, AXIA, EQTL e CPLE, enquanto as contribuições negativas de GGPS, SUZB, SMFT, NU e RENT.

Studio Long Bias

Encerramos o mês com uma exposição líquida de 82,4%, em torno de 7,1% acima ao mês anterior. As principais posições da carteira são Equatorial, Localiza, BTG Pactual, NU e Rede D'Or. Setorialmente a carteira está dividida em 40,5% em empresas Domésticas Cíclicas, 24,5% em empresas Domésticas Resilientes, 7,9% em Commodities. Nesse contexto, os principais impactos positivos vieram de BPAC, ENEV, EQTL, AXIA e CPLE, enquanto as contribuições negativas de GGPS, SMFT, SUZB, NU e ITUB.

TRUXT

Truxt Long Bias

O Truxt Long Bias avançou 9,34% no mês. Os setores de utilidades públicas e mineração foram as principais contribuições positivas, enquanto serviços financeiros e imobiliário detraíram performance. Ao final do mês, as maiores alocações da carteira estavam concentradas em distribuição de combustíveis e concessões.

Truxt Long Short

O Truxt Long Short teve retorno de 3,40% no mês, sendo as principais contribuições positivas os setores de proteínas e mineração, enquanto varejo resiliente e petróleo detraíram performance. As principais posições do portfólio no fim do mês situavam-se em utilidades públicas e alimentos e bebidas.

Truxt Valor

O Truxt Valor teve retorno de -0,36% no mês. Os setores de imobiliário e serviços financeiros foram os principais detratores, enquanto utilidades públicas e distribuição de combustíveis contribuíram positivamente. Ao final do mês, as principais posições eram nos setores utilidades públicas e serviços financeiros.

Truxt Macro

O Truxt Macro teve retorno de 1,81% em abril, com principais contribuições positivas vindas de ações e negativas no book de juros. No Brasil, montamos trava longa na curva de juros. No exterior, abrimos posição moderada que se beneficia da compressão do prêmio de risco das taxas europeias com exposição equivalente em Euro e retomamos a compra em ouro, refletindo a tese de debasement do dólar.

VALORA

Valora Guardian II

Para o Valora Guardian e Valora Horizon, tivemos, em abril, uma performance abaixo do retorno alvo da estrutura, impactada principalmente pela marcação das cotas mezanino dos FIDCs de consignado MT da Capital Consig, que seguem sem receber repasses desde o início de 2025. Nesse contexto, temos acompanhado de perto a evolução jurídica do caso e esperamos que a situação seja solucionada no curto prazo, permitindo a reversão parcial ou total dessa marcação. Vale destacar que essa questão não impactou as cotas do Valora Vanguard.

Em relação ao book de multicedente multisacado, seguimos observando uma performance positiva das estruturas investidas. Apesar do patamar elevado de juros (que naturalmente aumenta o risco para os cedentes) temos percebido uma evolução relevante na régua de crédito dos FIDCs como um todo, com maior seletividade na originação, priorizando cedentes e sacados mais robustos, além de um aumento na participação de operações colateralizadas. Um indicativo dessa melhora qualitativa pode ser observado no movimento de determinados clientes que anteriormente operavam exclusivamente com bancos tradicionais e que, ao longo dos últimos meses, passaram a acessar funding também via FIDCs. Ao longo de abril, realizamos alocações em 17 FIDCs, distribuídos entre os seguintes segmentos: (i) 7 operações de consignado público, (ii) 6 estruturas multicedente multisacado, (iii) 2 operações de consignado privado e (iv) 2 operações classificadas em outros segmentos.

Em relação ao pipeline de operações, observamos um aumento expressivo na demanda por capital por parte dos FIDCs multicedente multisacado. Paralelamente, seguimos avançando na aprovação, em comitê, de novas estruturas, ampliando nosso universo de FIDCs investidos e aumentando ainda mais a pulverização da carteira. Além disso, temos aprovado novas operações no segmento de consignado privado, mercado no qual seguimos enxergando um forte potencial de crescimento. Conforme comentado nos materiais anteriores, acreditamos que uma parcela relevante das alocações de 2026 deverá ser direcionada para estruturas desse segmento, diante da expectativa de expansão da originação e do amadurecimento desse mercado nos próximos trimestres.

VINCI

Vinci Atlas

O fundo registrou performance de 0,89% no mês. A principal contribuição positiva veio da posição em juros globais, seguida pela posição comprada em real e pela aplicação em juros prefixados. O principal detrator foi a posição de hedge na bolsa americana. Em contrapartida, os books de ETFs globais, commodities e a carteira de single names na bolsa brasileira contribuíram positivamente.

Abril foi marcado pela continuidade do conflito entre Estados Unidos e Irã. O bloqueio do Estreito de Ormuz segue pressionando as cadeias globais de suprimento, afetando principalmente países mais dependentes da importação de petróleo e derivados. A reunião do Fed representou uma inflexão no debate, com três diretores votando contra a manutenção do viés de corte de juros no comunicado. Diante desse sinal, o mercado passou a precificar a possibilidade de discussão sobre elevação de juros ainda neste ano.

A economia brasileira manteve bom desempenho, com apreciação do real frente ao dólar. Apesar do tom mais cauteloso adotado pelo Banco Central, a instituição optou novamente pelo corte de juros e sinalizou que, na ausência de deterioração relevante no cenário externo, deve dar continuidade ao ciclo na próxima reunião.

Ao longo do mês, encerramos a posição vendida na cesta de moedas de países europeus mais expostos ao choque energético, concentrando a aposta apenas na valorização do real frente ao dólar. Retomamos posições na Turquia e no Líbano e reduzimos a exposição à bolsa brasileira.

Vinci Internacional

À medida que o conflito no Oriente Médio não se resolve e o preço do barril de petróleo continua elevado, os bancos centrais começam a ajustar a comunicação, adotando um tom mais hawkish. A volta da navegação no Estreito de Ormuz parece distante e, mesmo que retome, os efeitos acumulados nos últimos dois meses sinalizam pressão na inflação no curto prazo. Ainda que o choque tenha também efeitos negativos na atividade, dado o passado inflacionário recente, os bancos centrais decidiram reforçar a luta contra a alta de preços. Com isso, devemos voltar a ver altas de juros nas economias desenvolvidas nos próximos meses.

Nos Estados Unidos, a mudança no tom mais hawkish no Fed ocorre concomitante à mudança

na presidência. Kevin Warsh deve assumir o cargo do Powell já na próxima reunião. No entanto, diferentemente da tradição do Fed, Powell comunicou que vai continuar no comitê mesmo após o fim do mandato de presidente, como forma de preservar a independência da instituição. No comunicado da última reunião, a diferente visão entre os diretores ficou explícita ao mostrar votos dissidentes sobre continuar ou não sinalizando o “viés de cortes”, presente no comunicado nos últimos dois anos, deixando a barra para novos cortes mais alta.

Na Europa, a guinada na comunicação do banco central deve ter implicações mais de curto prazo. Diferentemente do EUA, onde os juros ainda se encontravam em território contracionista à época do choque, o ECB já encontrava os juros em patamar neutro. As duas primeiras leituras de inflação após o conflito já mostram aumento de 100 bps na inflação corrente, com consequente aumento nas expectativas. Por mais que o crescimento na zona do Euro esteja em questionamento, dado a alta dependência da região ao petróleo importado. Com isso, os juros devem voltar a aumentar na Europa no curto prazo.

Em relação ao mercado de ações, o MSCI World ND, índice de ações global, fechou o mês com um retorno de 9,59%. Já o índice da bolsa americana, S&P 500 NTR atingiu uma rentabilidade de 10,47%. O setor que mais colaborou para a alta da bolsa americana foi o de Communication, seguido de Tech e Consumer Discretionary. Por outro lado, o setor de Energy foi o maior detrator de retorno do mês.

A curva de juros americana apresentou movimento de alta ao longo de toda a estrutura a termo em abril de 2026, com elevação mais concentrada na ponta curta e no trecho intermediário. No período, os rendimentos de 2 anos avançaram 8 bps, enquanto os juros de 10 anos subiram 5 bps. Já no trecho longo, os juros de 30 anos avançaram 6 bps. Como resultado, houve leve redução de inclinação até a parte intermediária, enquanto a parte longa apresentou aumento marginal de inclinação, indicando um ajuste relativamente equilibrado, mas com pressão um pouco maior nos vértices mais curtos. Já o dólar mostrou desvalorização frente às principais moedas.

Em USD, o fundo atingiu uma rentabilidade de +1,56% no mês e, em BRL, a rentabilidade mensal foi de -3,08%, função de uma desvalorização do dólar frente ao real de 4,57%.

Em abril, o fundo apresentou, em BRL, perdas nas estratégias de Renda Fixa, Renda Variável, Retorno Absoluto e Commodities.

O fundo está com 7,0% em bolsa global, 29,2% em retorno absoluto, sendo 2,4% macro

discricionário e 26,8% em valor relativo, 39,85% em renda fixa/crédito sendo 2,4% global multi-setor, 2,3% crédito corporativo e o saldo aplicado em crédito soberano.

Vinci Seleção

Em abril, o fundo registrou retorno de 0,48%, frente aos -0,08% do Ibovespa. No acumulado do ano, o desempenho é de 14,53%, ante 16,26% do índice.

A principal contribuição positiva no mês veio de Axia, que se beneficiou de uma visão construtiva tanto no curto quanto no longo prazo. Após leve recuo, os preços de energia de longo prazo retomaram a trajetória de alta em abril, somando-se à expectativa de um forte resultado de geração no 1T26. No mês, a companhia também avançou em sua agenda de governança, com a aprovação da migração para o Novo Mercado, e em otimização de portfólio, por meio da transação de ativos de transmissão com a ISA Energia.

Por outro lado, abril foi desafiador para Cyrela. A companhia teve performance negativa no mês devido ao receio de aumento da inflação de materiais, reflexo da alta do preço do petróleo em função da guerra no Irã. A companhia tem exposição ao segmento de baixa renda por meio de suas investidas e da Vivaz, sua operação nesse segmento. O setor é mais exposto à inflação, dada a maior dificuldade de repasse de custos na baixa renda. Ainda assim, continuamos animados com a perspectiva para a Cyrela em um cenário de queda de juros no Brasil.

Apesar das recentes mudanças no cenário de juros nos Estados Unidos e no Brasil, mantivemos nossa estratégia inalterada, com foco em empresas e setores mais conservadores, bons pagadores de dividendos e com maior liquidez.

Atualmente, as maiores exposições da carteira estão nos setores de Utilities, Bancos e Petróleo & Gás.

Vinci Valorem

O fundo apresentou ganhos nas posições tomadas em taxas de juros nominais, tanto no BRA quanto nos EUA. Além disso, também ganhou com a posição comprada em inflação implícita. Por outro lado, perdeu nas posições em moedas, comprado em dólar contra real, libra e euro.

Em abril, a economia global foi marcada por maior incerteza e desaceleração do crescimento, em função do agravamento do conflito no Oriente Médio. A alta dos preços de energia reacendeu pressões inflacionárias e levou o FMI e o Banco Mundial a revisarem suas projeções, indicando

crescimento global mais fraco e riscos elevados, especialmente para economias emergentes dependentes da importação de petróleo e fertilizantes.

Ao mesmo tempo, os bancos centrais adotaram um tom mais defensivo. O Federal Reserve manteve os juros elevados por mais tempo do que o mercado esperava, citando a persistência inflacionária associada à energia, enquanto autoridades monetárias europeias passaram a trabalhar com múltiplos cenários, refletindo a maior imprevisibilidade geopolítica. O mês consolidou um quadro de crescimento moderado, inflação mais pressionada e política monetária cautelosa nas principais economias.

Na renda fixa, as posições tomadas em taxas de juros foram reduzidas no Brasil e encerradas nos Estados Unidos, com realização de lucro. A posição comprada em inflação foi mantida e ampliada.

No segmento de moedas, as posições compradas em dólar foram reduzidas. No caso da exposição em dólar contra o real, a posição foi mantida por meio de opções de compra.